

Juliana da Silva Guimarães

Violência Escolar: Estudo exploratório segundo a perspectiva de Professores do 1º Ciclo  
do Ensino Básico



Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2015



“Violência Escolar: Estudo exploratório na perspectiva de Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico”

Juliana da Silva Guimarães

Violência Escolar: Estudo exploratório segundo a perspectiva de Professores do 1º Ciclo  
do Ensino Básico

Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2015

Juliana da Silva Guimarães

Violência Escolar: Estudo Exploratório segundo a perspectiva de Professores do 1º Ciclo  
do Ensino Básico

---

Assinatura do Aluno

Projeto de Graduação apresentado à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para a obtenção do grau de licenciado em Criminologia, sob a orientação da Professora Doutora Marta Martos.

## RESUMO

A violência escolar é um conjunto de atos violentos que é exercida entre os membros de uma comunidade educativa, na sua maioria entre crianças e jovens, e que pode ocorrer quer no recinto escolar, quer noutros espaços diretamente relacionados com a escola.

O presente projeto de graduação aborda a problemática da violência escolar no 1º Ciclo das Escolas Básicas do concelho de Santo Tirso, segundo a perspectiva dos professores de cada estabelecimento de ensino.

Neste sentido, o presente estudo teve como objetivo averiguar a perceção e o entendimento que estes profissionais têm sobre o fenómeno de *bullying* em contexto escolar, por forma a conhecermos o comportamento dos alunos dentro e fora da sala de aula, bem como a respetiva interação entre alunos. Também se pretende averiguar a experiência dos professores no contacto com situações de *bullying*, assim como a preparação/formação dos mesmos em lidar com situações de conflito. Por último, pretende-se procurar compreender as características individuais dos alunos enquanto possíveis agressores/vítimas.

Para dar resposta a estes objetivos, foi conduzido um estudo pré-piloto realizado pela investigadora deste projeto, no âmbito do seu estágio curricular na Polícia Municipal do concelho de Santo Tirso, tendo-se utilizado como instrumento de recolha de dados uma entrevista semiestruturada elaborada para o efeito. A entrevista semiestruturada foi realizada aos professores de algumas escolas e contribuiu para a fundamentação e desenvolvimento da parte empírica e metodológica no presente projeto de graduação.

No final deste trabalho, as conclusões retiradas baseiam-se na discussão dos resultados esperados para este projeto, de forma, que os mesmos contemplem os objetivos e as hipóteses formuladas.

**Palavras-chave:** violência escolar, 1º ciclo, professores.

## DEDICATÓRIAS

Aos meus pais, Joaquim e Madalena, e aos meus avós, Fernando e Teresa, por todo o apoio, por todo o amor, por toda a paciência e compreensão.

À minha irmã, Cristiana, pela coragem e determinação que me transmitiu ao longo dos anos, por todo o apoio e força que me deu ao longo desta licenciatura.

Com especial carinho e em sua memória, à minha avó Serafina, pelo seu exemplo enquanto Mulher, Mãe, Avó, Bisavó e Amiga, pela sua força, coragem e determinação com que enfrentou os 84 anos de vida e por todo o amor que deu a todos nós. Onde quer que ela esteja, sei que está orgulhosa de mim.

## AGRADECIMENTOS

À Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa e seus professores da licenciatura em Criminologia, agradeço a qualidade e paciência com que sempre nos ensinaram ao longo dos três anos.

À Professora Doutora Marta Matos, pela disponibilidade e preciosa ajuda no acompanhamento do meu estágio e projeto de graduação, bem como, na licenciatura.

À Polícia Municipal de Santo Tirso, pela possibilidade de realizar o meu estágio na instituição, como também, pelo bom ambiente que me proporcionaram ao longo dos quatro meses de estágio.

Ao Agente Carlos Pereira da Polícia Municipal de Santo Tirso, agradeço pela supervisão do meu estágio e paciência que teve comigo, bem como, pela ajuda e transmissão de conhecimento que me facultou ao longo do estágio, assim como na elaboração do projeto de graduação.

Às professoras das escolas básicas do concelho de Santo Tirso, pela disponibilidade e contribuição para a minha investigação neste projeto.

Aos meus amigos e colegas de turma, agradeço pela disponibilidade, ajuda e apoio ao longo destes três anos.

## Índice

---

|  |    |
|--|----|
| INTRODUÇÃO.....  | 10 |
| PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....                              | 11 |
| CAPÍTULO I – AGRESSIVIDADE E VIOLÊNCIA.....                        | 11 |
| 1. Conceito de agressividade e violência.....                      | 11 |
| 2. Teorias explicativas da agressividade.....                      | 13 |
| 2.1. Teorias Psicológicas .....                                    | 13 |
| 2.1.1. Modelo psicanalítico.....                                   | 13 |
| 2.1.2. Modelo etológico – Psicologia do comportamento animal ..... | 15 |
| 2.2. Teorias Sociológicas .....                                    | 15 |
| 2.2.1. Teoria do vínculo social.....                               | 15 |
| 2.2.2. Teoria da aprendizagem social .....                         | 16 |
| 3. Comportamentos agressivos e violentos .....                     | 17 |
| 3.1. A influência da família .....                                 | 17 |
| 3.2. A influência da sociedade .....                               | 18 |
| CAPÍTULO II – <i>BULLYING</i> .....                                | 20 |
| 1. Conceito de <i>bullying</i> e enquadramento .....               | 20 |
| 2. Tipologias de <i>bullying</i> .....                             | 21 |
| 3. Características dos intervenientes.....                         | 22 |
| 4. Contextos de ocorrência .....                                   | 23 |
| 5. Efeitos da agressão e vitimação.....                            | 24 |
| 6. Enquadramento jurídico .....                                    | 25 |
| CAPÍTULO III – A ESCOLA .....                                      | 27 |
| 1. Atitudes do professor face ao <i>bullying</i> .....             | 27 |
| 2. A prevenção e a intervenção no fenómeno.....                    | 28 |

|  |    |
|--|----|
| PARTE II – PARTE EMPÍRICA .....                | 31 |
| CAPÍTULO IV – METODOLOGIA DO ESTUDO .....      | 31 |
| 1. Objetivos.....                              | 32 |
| 2. Formulação de Hipóteses.....                | 32 |
| 3. Instrumentos, Amostra e Procedimentos ..... | 33 |
| 4. Apresentação dos resultados esperados ..... | 35 |
| 5. Discussão dos resultados esperados .....    | 39 |
| CONCLUSÃO.....                                 | 42 |
| BIBLIOGRAFIA .....                             | 43 |

## ANEXOS

Anexo A: Guião da entrevista a realizar a Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico

Anexo B: Transcrição da entrevista do estudo pré-piloto (Professor da EB de Santo Tirso)

Anexo C: Transcrição da entrevista do estudo pré-piloto (Professor da EB da Ermida)

Anexo D: Transcrição da entrevista do estudo pré-piloto (Professor da EB da Lama)

Anexo E: Transcrição da entrevista do estudo pré-piloto (Professor do Centro Escolar São Bento da Batalha)

Anexo F: Quadro de Análise Categorical do estudo pré-piloto

## INTRODUÇÃO

---

O presente projeto baseia-se no estudo da violência no contexto escolar, seguindo uma abordagem exploratória a fim de entender as perspectivas de professores do 1º Ciclo do Ensino Básico acerca deste fenómeno.

A escolha desta área por parte da investigadora, resultou da motivação que a mesma foi alcançando ao longo da licenciatura quando, para a elaboração de trabalhos académicos, teve a oportunidade de contactar e trabalhar junto das comunidades escolares. Relativamente à temática da violência, propriamente dita, foi devido ao facto de ser a que mais se enquadrava no contexto pretendido para o estudo, ou seja, o 1º Ciclo do Ensino Básico.

O presente trabalho divide-se em duas partes. Na primeira parte, referente à revisão da literatura, serão expostos os conteúdos relativos ao conhecimento científico da temática em questão. Num primeiro capítulo será abordada a questão da agressividade e da violência, as teorias explicativas das mesmas, segundo as perspectivas psicológicas e sociológicas, e as influências, familiares e sociais, subjacentes ao comportamento violento/agressivo por parte das crianças. No segundo capítulo expõem-se o fenómeno de *bullying*, onde será explicado o seu enquadramento, as diferentes tipologias, as características dos intervenientes (vítima, agressor, vítima agressora e testemunha), os contextos de ocorrência, os efeitos da agressão e vitimação e, o enquadramento jurídico no contexto português. Por fim, num terceiro capítulo relativo à escola, serão abordadas as atitudes dos professores face ao *bullying* assim como as medidas de prevenção e intervenção a este fenómeno.

Na segunda parte, referente ao estudo empírico, será demonstrada a metodologia do estudo que se propõe realizar assim como os objetivos inerentes ao mesmo, a apresentação dos instrumentos, a explicação dos procedimentos que serão utilizados, a caracterização da amostra, fazer uma apresentação e consequente discussão dos resultados esperados. Por último, será feita uma reflexão crítica acerca do estudo.

## PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

---

### CAPÍTULO I – AGRESSIVIDADE E VIOLÊNCIA

Uma vez que este projeto aborda a temática da violência escolar, torna-se pertinente que neste primeiro capítulo se mencione os fenómenos de violência e agressividade, estando estes relacionados à problemática em questão.

Os comportamentos agressivos e violentos neste âmbito, não é um problema recente nem tão pouco um fenómeno novo mas que cada vez mais preocupa a sociedade.

#### 1. Conceito de agressividade e violência

Entende-se por agressividade toda a conduta que é destinada a magoar outra pessoa, física e psicologicamente, resultante de um sentimento de frustração (Perry, Perry & Boldizar, 1990, *cit. in* Costa & Vale, 1998). Esta perspetiva aponta para um carácter intencional, “onde o indivíduo procura obter algo, coagir outrem, demonstrar domínio e poder” (Sousa, 2005, p.3).

Segundo Bertão (2004, *cit. in* Sousa, 2005, p.3) a agressividade possui benefícios, sendo esta “essencial para a sobrevivência, desenvolvimento, adaptação e defesa do indivíduo”.

Portanto, pode-se dizer que o conceito de agressividade é mais amplo do que a mera agressão física ou verbal (Sousa, 2005). Costa e Vale (1998) mencionam que esta definição está presente ou implícita em qualquer designação utilizada, surgindo simultaneamente como simples e complexo, podendo ser considerados como agressivos uma enorme diversidade de comportamentos.

Relativamente ao conceito de violência, Olweus (1999, *cit. in* Martins, 2005) considera que esta implica “sempre a utilização da força ou poder físico sobre o outro, isto é, o agressor utiliza o seu próprio corpo ou um objeto (exemplo, uma arma) para infligir dano ao outro”. Assim, a violência trata-se de uma manifestação distinta da conduta agressiva que se sobrepõe em certas situações.

De acordo com Redondo, Pimentel & Correia (2012, p.34) “a violência implica sempre intencionalidade embora o uso intencional da força ou do poder não traduz necessariamente a intenção de provocar danos. No entanto, e contrariamente ao comportamento agressivo, o comportamento violento não tem a intenção de fazer mal à outra pessoa”.

De acordo com Strecht (1966) a violência trata-se de uma representação de agressividade primária não elaborada, ou seja, o autor considera a violência como o emprego deliberado da agressividade com fins de destruir, humilhar e fazer o outro sofrer, existindo sempre uma intencionalidade no ato violento.

A violência gera-se na existência de interação entre os intervenientes, ou seja, agressor e vítima, sendo que o primeiro encontra-se numa situação mais favorável (Ribeiro, 2007). No entanto, esse benefício por parte do agressor não implica que este também sofra com as consequências individuais e sociais causadas pela violência (Neto, 2005).

Posto isto, pode-se concluir que o significado destes termos vai ao encontro de um mesmo objetivo: “a confrontação, que implica incontestavelmente uma interação da qual se evidencia uma vítima” (Ballesteros, 1993, *cit. in* Ribeiro, 2007, p.6). Contendo também algo em comum: causar prejuízo a alguém (Pain, 2006, *cit. in* Ribeiro, 2007). Porém, importa reter que a violência é vista como uma atitude mais ofensiva que a agressividade.

Visto que o presente projeto abarca a temática da violência escolar, mais especificamente, o fenómeno de *bullying*, importa reportar que para o estudo do mesmo será utilizado o conceito de agressividade na sua subjetividade e extensão, incluindo o conceito de violência como a externalização da agressividade natural e inerente do indivíduo.

## **2. Teorias explicativas da agressividade**

A agressividade praticada pelas crianças trata-se de um facto que não é indiferente à comunidade científica. Muitos especialistas têm-se dedicado ao estudo desta matéria com a finalidade de procurarem explicações e soluções para este fenómeno (Gulbenkian Foundation, 1995).

As teorias que contemplam a compreensão da agressividade regem-se segundo perspectivas psicológicas e sociológicas, sendo que na primeira enquadra-se o modelo psicanalítico e a modelo etológico, enquanto na segunda encontram-se a teoria do vínculo social e a teoria da aprendizagem social.

Todas as teorias mencionadas serão explicadas de seguida, afim de uma melhor compreensão da agressividade fazendo, se possível, ligação com o fenómeno de *bullying*.

### **2.1. Teorias Psicológicas**

#### **2.1.1. Modelo psicanalítico**

Apesar de o *bullying* ocorrer no contexto escolar, este não se trata só de um problema da escola, mas de toda a sociedade, visto que é um fenómeno que gera problemas a longo prazo, causando danos ao psiquismo e interferindo negativamente no desenvolvimento cognitivo, emocional e socio-educacional dos intervenientes (Fante, 2008, *cit. in* Martins & Almario, 2012).

Freud inicia o modelo psicanalítico com a descoberta do inconsciente. Em “Além do Princípio do Prazer”, o autor refere que os processos mentais estão regulados pelo princípio do prazer, ou seja, o indivíduo não age somente por este princípio devido às dificuldades do mundo externo e dos instintos de auto-preservação do ego (Freud, 1920, *cit. in* Queiroz & Térzis, 2012). Relativamente aos instintos, Freud distinguiu dois grupos: os instintos do ego, dos quais derivam a pulsão de morte e a pulsão de vida (Freud, 1920, *cit. in* Queiroz & Térzis, 2012).

Posto isto e interligando com a temática deste projeto, considera-se que as crianças e jovens praticantes de *bullying* atuam de acordo com o princípio do prazer, pois apresentam dificuldades em lidar com a frustração imposta pela realidade (Queiroz & Tércis, 2012). Por sua vez, este fenómeno pode ser entendido como uma manifestação da pulsão de morte, pois “o desejo de destruição e agressividade pode ser dirigido tanto para fora quanto para dentro do indivíduo, na medida em que este dirige o instinto de morte para o mundo externo, que é manifestado através da agressividade e destrutividade” (Freud, 1930, *cit. in* Queiroz & Tércis, 2012, p.3). Portanto, a agressividade constitui um elemento integrante no ser humano, “no entanto, a cultura, a vida social são fatores importantes como reguladoras dos impulsos destrutivos” (Martins & Almario, 2012, p.19)

Quanto aos intervenientes nas situações de *bullying*, o agressor (quem pratica) e a vítima (geralmente mais fraca e não se defende), na perspectiva de Freud (1905, *cit. in* Queiroz & Tércis, 2012) esta relação agressor - vítima pode ser entendida pelos conceitos de sadismo e masoquismo onde o agressor sente prazer em agredir (sadismo) e a vítima “aceita” submeter-se à agressão (masoquismo).

De acordo com Matos (2010) este comportamento é manifestado de uma forma de sadismo que assinala uma problemática no desenvolvimento psicopatológico e da personalidade da criança que está em curso; é preocupante, como manifestação de traços de psicopatia. Para compreender tal desenvolvimento psicopatológico é fundamental analisar as relações da criança com o seu meio sócio-afetivo e familiar, quais as características dos vínculos afetivos assim como da relação com as normas e códigos sociais por parte das figuras parentais e cuidadores mais próximos, dado estes servirem de suporte aos processos de identificação da criança (modelos de identificação). Segundo o modelo psicanalítico, a compreensão do *bullying* enquanto manifestação de sadismo secundário (obtenção de prazer no sofrimento do outro) decorre do impacto de interações disfuncionais ao nível dos laços afetivos, ético-morais e sociais, que o meio ambiente oferece à criança e a partir da qual resulta uma distorção da personalidade que está em desenvolvimento.

Também é importante reportar a intolerância à frustração de que fala Marcelli (2005), uma vez que esta alcança nas crianças proporções inquietantes na fase de latência e pré-adolescência. Segundo este psicanalista, este comportamento também

pode levar a uma futura organização psicopata, sobretudo quando “excede o quadro familiar estrito e se estende às relações sociais da criança” (Marcelli, 2005, p.254).

### **2.1.2. Modelo etológico – Psicologia do comportamento animal**

Os etólogos estudam a agressividade e os mecanismos de controlo da agressão, como adaptações biológicas fundamentais à vida social (Bussab & Otta, 2000, *cit. in* Pinho, 2004), ou seja, “a natureza seleciona os indivíduos que possuem e usam reportórios de forma adequada ao seu meio natural e social” (Pinho, 2004, p.12).

Para Lorenz, o grande impulsionador desta teoria, a agressividade é um comportamento suscetível de se tornar objetivo num nível mínimo de intencionalidade, ou seja, a agressão torna-se intencional quando se trata da defesa/afirmação do território ou da hierarquia no seio de um grupo social (Marcelli, 2005). De acordo com Pinho (2004, p.11) pode gerar comportamentos agressivos “qualquer situação ou contexto que ponha em risco a integridade física, a capacidade de sobrevivência do indivíduo, a capacidade de obter recursos e a possibilidade de se reproduzir”.

## **2.2. Teorias Sociológicas**

### **2.2.1. Teoria do vínculo social**

Abordada por Hirschi, a teoria do vínculo social, apresenta como elemento principal, o laço social (Born, 2005). Este autor considera que todo o indivíduo tem capacidade e vontade para delinquir, apenas não o fazendo consoante a maior ou menor solidez dos laços que tem estabelecidos com a sociedade (Hirschi, 2002, *cit. in* Nunes, 2010). Quanto mais sólidos forem os laços sociais mais protegidos se encontra o indivíduo, por sua vez, o enfraquecimento ou a rotura dos mesmos resultaria numa possível adesão ao desvio (Nunes, 2010).

Estes laços ou vínculos sociais apresentam quatro elementos essenciais: a vinculação, o compromisso, o envolvimento e a crença (Nunes, 2010).

A vinculação remete para a componente emocional, referindo o laço pessoal (empatia) estabelecido entre o indivíduo e as pessoas próximas (pais, irmãos, pares, etc.) como também instituições convencionais, por exemplo, a escola (Born, 2005). Dos quatro elementos, a vinculação é o mais importante.

O compromisso é o componente racional que implica a capacidade do indivíduo refletir ponderadamente acerca dos riscos a que está exposto, no caso de praticar ações desviantes (Nunes, 2010).

O envolvimento, por sua vez, remete à realização por parte do indivíduo de ações convencionais, prevendo-se menos definições favoráveis para o cometimento de atos anti normativos (Born, 2005).

Por último, a crença refere-se aos valores do indivíduo, numa perspectiva de acreditação moral e cognitiva das normas sociais, mesmo quando este envereda pelo delito (Born, 2005; Nunes, 2010).

### **2.2.2. Teoria da aprendizagem social**

A seguinte teoria proposta por Bandura apela à aprendizagem por observação de modelos e sua imitação como consequência na reprodução de comportamentos, ou seja, a criança observa outro aprendendo, desta forma, a reproduzir determinado comportamento positivo ou negativo (Bandura, 1987, *cit. in* Ribeiro, 2007).

Os principais modelos de agressão são reforçados pela família, pela subcultura na qual vive o indivíduo e pelos meios de comunicação (Pereira, 2008), constituindo-se assim variáveis intervenientes na origem do comportamento agressivo.

Na sua investigação Ribeiro (2007) apresenta um estudo que compreendeu a observação, por parte de crianças, de comportamentos agressivos e a submissão de crianças a visionamentos de filmes de conteúdo agressivo, constatando-se que as crianças manifestavam comportamentos característicos idênticos aos que tinham observado. A autora também realça o encorajamento das atitudes agressivas por parte dos pais em relação aos filhos (Bandura & Walters, 1990, *cit. in* Ribeiro, 2007).

O comportamento agressivo é, portanto, efeito de uma aprendizagem que resulta da relação da criança com o meio envolvente.

### **3. Comportamentos agressivos e violentos**

A manifestação de comportamentos violentos por parte das crianças está associada a alguns fatores como a família e a sociedade em que a criança está inserida, como é demonstrado de seguida.

#### **3.1. A influência da família**

Os comportamentos violentos suportam alguns fatores que aumentam o risco da violência, através das conexões que estabelecem com outros fatores de risco (Gulbenkian Foundation, 1995).

Neste âmbito, encontra-se a família uma vez que é no seio familiar que a criança estabelece as primeiras relações com o meio e com as pessoas que a rodeiam influenciando o seu desenvolvimento e funcionamento adaptativo (Seixas, 2006).

Segundo o estudo realizado por McCord (1979, *cit. in* Debarbieux, 2002) a fraca supervisão parental, a agressão parental e o conflito parental são fatores que se encontram associados à violência.

As situações de rutura familiar também possibilitam o desenvolvimento de atitudes e ações agressivas nas crianças (Gulbenkian Foundation, 1995), assim como a desarmonia familiar, a falta de tempo e de disponibilidade para atender os filhos (Pereira, 2008).

Outro contributo é a prática de uma educação baseada numa disciplina rígida, numa atitude passiva, na punição física, na falta de reforço, supervisão e modelos (Gulbenkian Foundation, 1995). É necessário evitar uma educação com características demasiado autoritárias ou permissivas (Pereira, 2008).

De acordo com Costa & Vale (1998, p.30) “ a falta de calor e envolvimento parental durante idades precoces, o negativismo e a indiferença, ou uma atitude altamente permissiva e tolerante em

relação aos episódios de agressividade, pouco consistente e sem limites claros para o comportamento agressivo” também constituem fatores provocadores para um certo nível de agressividade.

A família é, portanto, uma referência indispensável, um modelo de conduta que influencia os comportamentos negativos ou positivos por parte da criança (Batista, Oliveira & Pires, 2011).

### **3.2. A influência da sociedade**

A socialização é um conjunto de processos pelos quais a criança se integra na sociedade e corresponde às suas necessidades, ou seja, a criança interage com a sociedade rendendo-se às influências dos meios envolventes, sendo esta relação determinada pelas suas práticas e pela identificação de modelos (Pereira, 2008). Ainda de acordo com a mesma autora, a sociedade de hoje apresenta-se demasiado individualista que banaliza os valores morais, as regras sociais, incitando desta forma ao espírito de competição.

Os meios de comunicação social são um agente importante de socialização mas também representam um fator que propiciam a violência devido à sua exposição repetida que pode influenciar o aumento do comportamento agressivo (Ramírez, 2001). O contexto no qual a criança assiste a estas ações e a presença ou ausência de um comentário crítico, desaprovando a violência, pode influenciar a forma como a criança é afetada, levando-a a revelar comportamentos mais violentos (Gulbenkian Foundation, 1995).

Derbarbieux (2002) referiu outros fatores sociais como o estatuto socioeconómico das famílias (rendimento baixo, famílias numerosas, pais muito novos), e fatores relacionados com as características individuais da criança (hiperatividade, impulsividade, fraco controlo do comportamento, problemas de concentração, ansiedade, dificuldades de aprendizagem, aspeto físico) que podem estar associados à violência.

Whitney & Smith (1993, *cit. in* Costa & Vale, 1998) consideram que a localização da escola em áreas desfavorecidas também é um fator associado à violência, uma vez que parece haver uma maior incidência de problemas de agressão nestas áreas.

## **CAPÍTULO II – BULLYING**

Após terem sido apresentados os pressupostos da violência no capítulo anterior, no presente capítulo dá-se destaque ao fenómeno de *bullying*, uma vez associado aos comportamentos de violência no ambiente escolar, é também neste contexto que se centra o estudo deste projeto.

### **1. Conceito de *bullying* e enquadramento**

O fenómeno do *bullying* em contexto escolar é uma problemática da atualidade que, não só, envolve os alunos como também toda a comunidade educativa, os pais e encarregados de educação. É importante alertar para o fenómeno devido à sua presença nas escolas e às suas consequências para a saúde e bem-estar das vítimas e agressores (Raimundo & Seixas, 2009). Há, portanto, a necessidade de a comunidade escolar, pais, encarregados de educação e também a comunidade em geral, debater e compreender a problemática do *bullying* de forma a elaborar estratégias que sejam eficazes para o seu combate (Ferreira & Tavares, 2009).

O estudo científico do comportamento de *bullying* surgiu nos anos 70 do século XX, pelo psicólogo norueguês Dan Olweus considerado o pioneiro na investigação desta temática (Almeida & Fernández, 2014). Este definiu o conceito de *bullying* como “um aluno está a ser vítima de *bullying* quando está exposto, repetidamente e ao longo do tempo, a ações negativas da parte de uma ou mais pessoas” (Olweus, 2005). Por sua vez, estas ações negativas são praticadas de forma intencional com o objetivo de causar danos ou mal-estar a outra pessoa numa relação desigual de poder entre os agressores e as suas vítimas (Olweus, 1994, *cit. in* Carvalhosa et al., 2001).

Segundo Smith (2004) o *bullying* é classificado como um subtipo de comportamento agressivo manifestado de forma sistemática, bem como deliberado e consciente com o intuito de prejudicar a vítima. Ramírez (2001) refere o comportamento de *bullying* como sendo agressivo, intencional e prejudicial, tratando-se de episódios persistentes, não esporádicos, que podem perlongar-se por semanas, meses e até anos.

Portanto, pode-se afirmar que o *bullying* é um comportamento agressivo de caráter continuado, persistente, sistemático e intencional. Tem como objetivo prejudicar e maltratar uma ou várias pessoas demonstrando um estado de poder dos agressores perante as vítimas.

Por outro lado, é importante salientar o facto do conceito de *bullying*, por vezes, ser confundido com outras formas de comportamento agressivo, como os que se expressam nas idades compreendidas entre os 7 e os 14 anos e as brincadeiras agressivas ativas de grande envolvimento físico entre os intervenientes mas que não apresentam intenção de magoar ou causar danos a outrem (Pereira, 2008).

## **2. Tipologias de *bullying***

O *bullying* está organizado em dois tipos de comportamentos, o direto e o indireto. De acordo com Raimundo & Seixas (2009) o comportamento direto implica um envolvimento “cara a cara”, onde os envolvidos se encontram diretamente implicados no incidente. Ainda, na corrente destes autores, o comportamento indireto não envolve uma confrontação direta, ou seja, este tipo de comportamento é, nos dias de hoje, recorrente com o uso das novas tecnologias – *cyberbullying* – de forma a difamar a vítima.

Carvalhosa, Lima & Matos (2001) e Strecht (2001) referem nos seus estudos os seguintes subtipos de *bullying*:

- i) Físico - bater, empurrar, dar pontapés, passar rasteiras;
- ii) Verbal - chamar nomes ofensivos, ameaçar, insultar;
- iii) Psicológico - chantagear, espalhar histórias humilhantes, assustar;
- iv) Relacional - excluir um colega do grupo, ignorar, espalhar rumores;
- v) Sexual - exibicionismo, comentários/insultos de cariz sexual, divulgação de imagens íntimas.

Portanto, entende-se por comportamentos diretos, as agressões físicas e verbais, e por comportamentos indiretos, as agressões psicológicas, relacionais e sexuais.

### **3. Características dos intervenientes**

A Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (*cit. in* Botelho & Souza, 2007) no seu Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes classifica os intervenientes do fenómeno do *bullying* em quatro categorias: as vítimas, os agressores, as vítimas agressoras e as testemunhas.

As vítimas são o alvo da prática do *bullying*. Segundo Neto (2005), são crianças/jovens pouco sociáveis, inseguras e têm dificuldade em se integrarem num grupo. Têm poucos amigos, são passivas, retraídas e não reagem aos atos de agressividade que sofrem. Apresentam baixa autoestima, estando esta condicionada pelo facto das vítimas acreditarem serem merecedoras dos atos violentos. Olweus (1978, 1987, *cit. in* Pereira, 2008) caracteriza estas crianças pelo medo e falta de confiança que apresentam assim como pelo facto de serem ansiosas e não dominarem algumas competências sociais.

Os agressores são quem praticam o *bullying*. Fante (2005, *cit. in* Botelho & Souza, 2007) caracteriza-os como sendo pouco empáticos e mais fortes que os seus colegas. Por sua vez, Tim Field's (1999, *cit. in* Elijah, 2014) descreve-os como sendo cruéis, astutos, hiperativos, impulsivos e agressivos, sofrem de défice de atenção, apresentam distúrbios comportamentais e sentem prazer e satisfação quando controlam e causam sofrimento nos outros. Junger (1990, *cit. in* Pereira, 2008) menciona o facto de estas crianças terem uma má relação com os pais, não tendo desta forma uma supervisão adequada.

Quanto às vítimas agressoras, são crianças/jovens que ora sofrem, ora praticam atos de *bullying*. Trata-se, portanto, de crianças/jovens que sofreram violência e procuram alguém mais vulnerável que elas para transferir as agressões vividas (Fante, 2005, *cit. in* Botelho & Souza, 2007).

As testemunhas são crianças/jovens que não estão diretamente envolvidos no *bullying*. De acordo com Neto (2005) estes indivíduos mantêm o silêncio com medo de serem a “próxima vítima” e não sabem como agir perante as situações de violência, contudo, sentem empatia para com as vítimas e condenam os comportamentos dos agressores desejando que os professores intervenham efetivamente. Este autor refere ainda a forma como as testemunhas reagem ao *bullying* classificando-as como “auxiliares (participam ativamente da agressão), incentivadores (incitam e estimulam o agressor), observadores (só observam ou se afastam) ou defensores (protegem a vítima ou chamam um adulto para interromper a agressão)” (Neto, 2005, p.168).

#### **4. Contextos de ocorrência**

O *bullying* é um fenómeno que tem sido sujeito a diversos estudos ao longo dos anos. Destacam-se, por isso, os trabalhos de Olweus (Escandinávia, 1993), Whitney & Smith (Reino Unido, 1993), Pereira, Almeida, Valente & Mendonça (Portugal, 1996), Pereira (Portugal, 1997, 2008), nos quais demonstram que em todas as escolas existe a prática de *bullying* (Sousa, Pereira & Lourenço, 2011).

Estes estudos, para além de se centrarem na identificação de comportamentos agressivos, de vítimas e de agressores, também se preocuparam em identificar os locais, do contexto escolar, em que ocorrem estes comportamentos de violência.

Neste âmbito, os estudos evidenciam os recreios como sendo os locais onde é mais frequente a prática de *bullying*, comparativamente a outros locais como as salas de aula, os corredores, as cantinas, etc. (Sousa, Pereira & Lourenço, 2011).

Nas escolas básicas do 2º e 3º ciclo, praticamente, não existe a presença de adultos nos recreios, ao contrário das escolas básicas do 1º ciclo, onde é habitual a presença de um funcionário ou de um professor nos recreios (Pereira, 2006).

O recreio é um espaço de lazer e de grande prazer para as crianças, onde elas podem conviver entre si, favorecendo assim o seu desenvolvimento motor e de socialização como também o desenvolvimento da personalidade (Sousa, Pereira & Lourenço, 2011).

No entanto, estes espaços são desvalorizados, apresentam pequenas dimensões e uma oferta limitada quanto às oportunidades que oferecem de jogo, convívio, observação (Pereira, 2006). De acordo com Pereira et al. (2002, *cit. in* Pereira, 2005, p.7) “é necessário reinventar os recreios das escolas para prevenir o *bullying*: repensar a supervisão e o acesso a equipamentos móveis. Os espaços reduzidos, sem equipamentos de jogo, são espaços monótonos, aborrecidos, que parecem estar associados ao *bullying*”.

## **5. Efeitos da agressão e vitimação**

A prática de *bullying* pode trazer consequências para os seus intervenientes, sendo elas imediatas ou a longo prazo.

No que diz respeito aos agressores, a literatura aponta para os efeitos a longo prazo. Olweus (1989, *cit. in* Pereira, 2006, p.47) através de um estudo realizado com alunos do ensino secundário até aos 24 anos, conclui que “a probabilidade de condenação em penas julgadas é cerca de quatro vezes maior para os agressores na escola do que para os não agressores”. Estas crianças/jovens apresentam uma maior probabilidade de terem comportamentos antissociais e violentos na idade adulta, vindo mesmo adotar futuras carreiras delinquentes (Neto & Saavedra, 2003, *cit. in* Botelho & Souza, 2007).

Pereira (2008) refere as principais consequências para os agressores como a crença que estes têm na força para a solução dos problemas, a dificuldade em respeitar as normas sociais/lei, os problemas de relacionamento afetivo e social e a incapacidade de autocontrolo e comportamentos antissociais.

Plattner et al. (2007, *cit. in* Elijah, 2014) menciona também a desregulação emocional, resultante de traumas emocionais, como efeito a longo prazo dos comportamentos desviantes, incluindo a impulsividade, a ira, etc..

Relativamente às vítimas, a literatura aponta para consequências imediatas e a longo prazo.

Quanto aos efeitos imediatos manifestadas nas vítimas, Boulton & Smith (1994, *cit. in* Pereira, 2008) concluíram que nas escolas primárias as crianças apresentam uma

baixa autoestima. Por sua vez, Neto & Saavedra (2003, cit. in Botelho & Souza, 2007) referem que as vítimas demonstram-se com medo, stressadas, deprimidas e ansiosas, têm baixo desempenho escolar chegando mesmo a recusar-se a ir para a escola. Na perspectiva de Pereira (2006, p.48) “as crianças rejeitadas pelos seus pares ficam isoladas, sem amigos não desenvolvendo capacidades relativas ao relacionamento social e à proteção pessoal, sendo mais expostos à rejeição e agressão social”.

A longo prazo, Olweus (1993, cit. in Pereira, 2008) evidenciou no seu estudo as seguintes características: a falta de continuidade no estatuto da vítima, ou seja, se for incluída noutra(o) escola/grupo pode não ser vítima novamente; a existência de uma relação entre o ter sido vítima na infância e uma certa depressão na vida adulta; e, o decréscimo da frequência de ser vítima ao longo dos anos.

Neto & Saavedra (2003, cit. in Botelho & Souza, 2007) referem o facto de haver jovens com depressão extrema que acabam por tentar ou cometer o suicídio.

Como Pereira (2008, p.23) afirma “estas situações de violência estão associados a uma série de comportamentos ou atitudes que se vão agravando e mantendo por toda a vida e que arrastam consigo consequências negativas, (...) influenciando todas as decisões, imagens, atitudes, comportamentos que a pessoa constrói em relação a si, aos outros, ao mundo e até à própria vida”.

## **6. Enquadramento jurídico**

Consta na Proposta de Lei nº46/XI/2.<sup>a</sup>, aprovada na Assembleia da República a 21 de janeiro de 2011 que a prática de *bullying* está prevista ser tipificada na lei como crime, sendo considerado o seguinte:

«Artigo 152.º-C - Violência escolar: **1** - Quem, de modo reiterado ou não, e por qualquer meio, infligir maus tratos físicos ou psíquicos, incluindo castigos corporais, privações da liberdade e ofensas sexuais, a membro de comunidade escolar a que o agente também pertença, é punido com pena de prisão de 1 a 5 anos, se pena mais grave lhe não couber por força de outra disposição legal; **2** - A mesma pena é aplicável a quem infligir maus tratos físicos ou psíquicos a membro da comunidade escolar a que também pertença um seu descendente, colateral até ao 3.º grau ou menor relativamente

ao qual seja titular do exercício das responsabilidades parentais; **3** - Se dos factos previstos nos números anteriores resultar: a) Ofensa à integridade física grave, o agente é punido com pena de prisão de 2 a 8 anos; b) A morte, o agente é punido com pena de prisão de 3 a 10 anos; **4** - Nos casos previstos nos números anteriores, podem ser aplicadas ao arguido as penas acessórias de proibição de contacto com a vítima e de proibição de uso e porte de armas, pelo período de seis meses a cinco anos, e de obrigação de frequência de programas específicos de prevenção da violência escolar.» De momento, e passado quatro anos, o *bullying* ainda não se encontra qualificado como crime.

No entanto, este fenómeno compreende um conjunto de atos violentos de natureza agressiva que podem traduzir-se em crimes que constam no Código Penal como, por exemplo, crimes contra a integridade física (artigo 143º - ofensa à integridade física simples), crimes contra a liberdade pessoal (artigo 153º - ameaça, artigo 154º - coação), crimes contra a liberdade e autodeterminação sexual (artigo 163º - coação sexual, artigo 170º - importunação sexual), crimes contra a honra (artigo 180º - difamação), entre outros.

É importante mencionar que os jovens dos 12 aos 16 anos que pratiquem algum ato que esteja tipificado na lei como crime, será aplicada a Lei Tutelar Educativa. Esta lei aplica aos jovens medidas tutelares, tais como, a admoestação, a reparação do ofendido, tarefas a favor da comunidade, a imposição de regras de conduta, a frequência de programas formativos, o acompanhamento educativo, o internamento em centro educativo, entre outros.

Aos jovens com idades compreendidas entre os 16 e os 21 anos, que tenham praticado algum ato tipificado na lei como crime, serão julgados pelo facto através do instrumento jurídico Código Penal juntamente com o Regime Penal Aplicável a Jovens Delinquentes que consta no Decreto-Lei nº401/82, de 23 de setembro. Este regime tem por objetivo a atenuação da pena, de modo a privilegiar a ressocialização do jovem, já que este se encontra na idade considerada no limiar da maturidade.

### **CAPÍTULO III – A ESCOLA**

#### **1. Atitudes do professor face ao *bullying***

“A escola é uma instituição de grande importância na vida do sujeito. As relações sociais entre professores, pais e estudantes são fatores constituintes na formação da personalidade” (Marriel et al., 2006, *cit. in* Ferreira, Rowe & Oliveira, 2010).

No entanto, os comportamentos que ocorrem nas escolas são considerados como naturais e subestimados pelos pais e professores, sendo compreendidos como uma violência mais ténue e de menor visibilidade, ou seja, considerando ser situações típicas da faixa etária (Marriel et al., 2006, *cit. in* Ferreira, Rowe & Oliveira, 2010). Esta conceção pode dever-se à falta de conhecimento por parte destas figuras acerca do *bullying*.

As crianças que praticam estes comportamentos violentos no ambiente escolar, aprendem sobre o poder da agressão em casa, ou seja, recebem dos pais valores que fundamentam a construção da sua personalidade e carácter que poderão ser aperfeiçoados pela escola (Gontijo & Saboia, 2008).

Para enfrentarem estes problemas de violência, as escolas devem construir estratégias que favoreçam o bem-estar psicossocial no ambiente educativo, atuando no sentido de se fazer cumprir e respeitar os valores e as diferenças (Mascarenhas, 2006, *cit. in* Ferreira, Rowe & Oliveira, 2010).

A escola deve, por isso, ser um espaço seguro e saudável onde sejam desenvolvidas competências. A presença de qualquer forma de violência neste ambiente podem conduzir a danos físicos e psicológicos na criança, seja de forma temporária, seja mais persistente (Neto, 2005).

A relação professor-aluno é muito importante no que respeita à atuação sob a violência e ao desenvolvimento de características individuais (Marriel et al., 2006, *cit. in* Ferreira, Rowe & Oliveira, 2010). Segundo o mesmo autor, a demonstração de

atitudes de respeito e afeto por parte do professor são favoráveis, contribuindo para a diminuição da violência no ambiente escolar.

Caso contrário, se os professores demonstrarem atitudes agressivas como gritar para colocar ordem na turma, podem induzir comportamentos semelhantes nos seus alunos que, após um período de convivência, podem assumir atitudes tão agressivas quanto aquelas adotadas pelos professores ou podem apresentar comportamentos mais retraídos, em virtude do medo de punição (Tricoli, 2002, *cit. in* Souza & Castro, 2008).

Os professores desempenham um papel fundamental para a gestão e prevenção de conflitos entre alunos. É importante que estes saibam identificar os sinais de agressão/vitimação de forma arranjar estratégias para solucionar estes conflitos, bem como relatar as ocorrências à restante comunidade escolar (Silva, Oliveira & Bazon, 2014). Os mesmos autores mencionam, ainda, o facto de os professores não se sentirem “suficientemente preparados para agirem de acordo com as especificidades do *bullying*”, considerando que os mesmos não possuem conhecimentos necessários, o que dificulta o reconhecimento de características essenciais do fenómeno.

Posto isto, e de acordo com Fung (2012, *cit. in* Silva, Oliveira & Bazon, 2014), a formação dos professores constitui um aspeto importante “a ser trabalhado em programas direccionados ao *bullying* escolar, pois uma maior competência dos professores pode contribuir para o reconhecimento da gravidade inerente a todas as formas de agressão praticadas pelos alunos, colaborar para a modificação de crenças normativas e estimular intervenções mais adequadas, especialmente voltadas à prevenção”.

## **2. A prevenção e a intervenção no fenómeno**

*O bullying* sendo um fenómeno que se encontra presente nos ambientes escolares, afetando as crianças e jovens nas mais diversas idades, torna-se necessário implementar estratégias de prevenção e intervenção com o objetivo de diminuir a incidência desta problemática.

Pepler & Craig (2008, *cit. in* Almeida & Fernández, 2014, p.46) consideram que “as situações de *bullying* não devem ser vistas como situações normais da idade ou da dinâmica nas escolas,

uma vez que o *bullying* é prejudicial para os que o exercem, para quem o sofre e para quem o observa, e é um direito de todas as crianças, adolescentes e jovens sentirem-se seguros e protegidos na escola”.

Posto isto, Carvalhosa, Moleiro & Sales (2009) no seu estudo “*A Situação do Bullying nas Escolas Portuguesas*” referem que devem ser desenvolvidas políticas e apoios de combate à violência escolar envolvendo diversos setores da comunidade e criar um bom clima nas escolas que faculte o bem-estar de todos. Estas políticas e apoios englobam os seguintes planos: comunitário, escolar, familiar e individual.

No plano comunitário, um maior conhecimento sobre a dinâmica do *bullying*, facilitará a promoção da interação entre professores, técnicos e profissionais especializados, pais e entidades da comunidade (Carvalhosa, Moleiro & Sales, 2009). Como refere Pepler & Craig (2008, *cit. in* Almeida & Fernández, 2014, p.49), “o *bullying* não ocorre de forma isolada no contexto escolar, mas ocorre em todas as áreas onde as crianças, adolescentes e jovens vivem e se desenvolvem: na escola, em casa, em centros de lazer, nos parques dos bairros, entre muitos outros contextos”. Por sua vez, Pereira (2008, p.152) relata que “é fundamental que cada pessoa compreenda que tem a sua quota-parte de responsabilidade, devendo, pois, participar ativamente, intervindo direta ou indiretamente nas situações - todos são capazes e devem dar o seu contributo para reduzir as práticas agressivas na escola”.

No plano escolar, os dados acerca deste fenómeno poderá ajudar a comunidade educativa a aceitar a existência do problema e a desenvolver regras de convivência simples, claras e inflexíveis ao *bullying*, promovendo assim programas de prevenção e estratégias de aprendizagem cooperativa adequadas à situação existente na escola (Carvalhosa, Moleiro & Sales, 2009). Segundo Pereira (2008), é necessário apostar na formação dos professores e funcionários para o desenvolvimento de competências que lhes permitam lidar com este tipo de problemas relacionados com agressividade entre pares, assim como, agir nos locais onde ocorrem estas situações, por exemplo, os recreios. Neste âmbito também importa reportar a promoção ao desenvolvimento de competências prossociais de interação interpessoal, através de medidas complementares ou alterações no plano curricular, como a integração de atividades extracurriculares (música, desporto, teatro), de forma a estimular o desenvolvimento de competências sociais e de comunicação (Glew et al., 2005, *cit. in* Costa & Pereira, 2010).

Relativamente ao plano familiar, Carvalhosa, Moleiro & Sales (2009, p.142) referem que se deve “sensibilizar os pais e os encarregados de educação para a importância de comportamentos afetuosos e de mútuo respeito com as crianças e a rejeição de todas as formas de violência, como também a de maior suporte e apoio aos seus filhos ou educandos”. Ou seja, torna-se essencial obter atenção das famílias com necessidades de apoio socioemocional, revertendo esse apoio “em práticas de cuidado e educação dos filhos, bem como uma ligação mais próxima e positiva dos recursos escolares por parte das famílias e dos jovens” (Almeida & Fernández, 2014, p.55).

Quanto ao plano individual, os alunos ao conterem um melhor conhecimento acerca do impacto negativo da violência, poderá ajudá-los a criarem um ambiente calmo e seguro na escola bem como terem consciência da necessidade de criar laços de afeto e respeito entre as pessoas, não tolerando o *bullying*, em nenhum dos contextos que os envolve (Carvalhosa, Moleiro & Sales, 2009). De acordo com Pereira (2008) as crianças também devem ser sensibilizadas para a necessidade de comunicar as situações de *bullying* que conheçam, assim como, também se deve capacitar as mesmas para “assumirem iniciativas no domínio do apoio e dos incentivos à melhoria do relacionamento interpessoal” (Almeida & Fernández, 2014, p.52).

Em suma, a prevenção e intervenção da violência escolar é de extrema importância, uma vez, que afeta a maioria das nossas escolas, nomeadamente, as crianças que são as que mais consequências sofrem a nível físico mas sobretudo a nível psicológico. Contudo, este fenómeno e a sua prevenção e intervenção não se limitam só à comunidade escolar como também excede as fronteiras desta, ou seja, envolvendo também a família e toda a comunidade em geral.

## PARTE II – PARTE EMPÍRICA

---

### CAPÍTULO IV – METODOLOGIA DO ESTUDO

Nesta parte será mencionada a metodologia do estudo que se propõe realizar assim como os objetivos inerentes ao mesmo, a apresentação dos instrumentos, a explicação dos procedimentos que serão utilizados, a caracterização da amostra, fazer uma apresentação e consequente discussão dos resultados esperados.

No âmbito do *bullying* são diversas as maneiras de avaliar o fenómeno recorrendo a diferentes fontes como os professores, observadores externos e as crianças (Pereira, 2008).

Os estudos sobre esta problemática centram-se: na realização de questionários aos professores sobre a agressão na sala de aula, tendo como base a percepção dos mesmos; na observação direta ou indireta; em entrevistas à criança, sobre as suas vivências na escola relativas ao *bullying*; na “nomeação de pares”, no qual a criança deve nomear dentro da sua sala quem é a vítima e o agressor; e, na aplicação de questionários aos alunos, que constitui o método preferencial no estudo da avaliação da natureza e extensão do *bullying* bem como dos efeitos da intervenção (Pereira, 2008).

O presente estudo terá uma abordagem de natureza exploratória, uma vez que se pretende alcançar uma perspectiva diferente, nomeadamente, com a população alvo escolhida. Quanto ao tipo de dados optar-se-á pelo paradigma qualitativo, uma vez, que o que se pretende é a compreensão e a descrição do fenómeno (Neves, 1996), neste caso, o *bullying*. Segundo Bogdan & Biklen (1994, p.16, *cit. in* Ribeiro, 2007, p.86), este paradigma assenta na “compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos de investigação”, sendo os dados recolhidos em contexto natural, “tentando levar os sujeitos a expressar livremente as suas opiniões” (Bogdan & Biklen, 1994, p.16, *cit. in* Ribeiro, 2007, p.86). Para esse efeito, a recolha de dados a efetuar para este estudo é a aplicação da entrevista.

Salienta-se que a construção desta metodologia terá como base o estudo pré-piloto realizado pela investigadora no âmbito do seu estágio curricular na Polícia Municipal de Santo Tirso.

## **1. Objetivos**

O objetivo geral deste estudo requer sobre a perceção e o entendimento que os professores do 1º Ciclo do Ensino Básico têm sobre o fenómeno de *bullying* em contexto escolar, sendo, no entanto, os objetivos específicos focalizados:

- i) no conhecimento do comportamento dos alunos dentro e fora da sala de aula e a interação entre eles;
- ii) na opinião dos professores acerca das variáveis que influenciam o fenómeno do *bullying*;
- iii) na experiência dos professores no contacto com situações de *bullying*;
- iv) no conhecimento das características individuais dos alunos enquanto possíveis agressores/vítimas;
- v) na noção de supervisão por parte dos adultos nos diferentes locais da escola;
- vi) na preparação/formação dos professores em lidar com situações de conflito;
- vii) nas propostas de prevenção;
- viii) nos atos de sensibilização acerca da temática e efeitos das mesmos.

## **2. Formulação de Hipóteses**

De acordo com o conhecimento fornecido pela análise da literatura exposta na primeira parte deste projeto, apresenta-se a formulação de um conjunto de hipóteses,

que se pretende verificar no decorrer da pesquisa. Deste modo procura-se a confirmação das seguintes hipóteses:

**Hipótese 1:** Em todas as escolas observam-se níveis significativos de agressividade;

**Hipótese 2:** A agressividade e violência também ocorrem por parte dos pais e encarregados de educação em relação aos professores;

**Hipótese 3:** Os comportamentos agressivos manifestados pelas crianças estão associados a fatores como a família, a escola, a sociedade e os meios de comunicação social;

**Hipótese 4:** O recreio é o local onde é mais frequente a prática de *bullying*, sendo que nas escolas do 1º ciclo do Ensino Básico é frequente a presença de funcionários e professores nestes locais;

**Hipótese 5:** Os professores não se sentem suficientemente preparados para agirem e lidarem com as especificidades do *bullying*;

**Hipótese 6:** O maior envolvimento da comunidade escolar nas diferentes medidas de intervenção está associado à maior eficácia na prevenção do *bullying*, como também o envolvimento da família e da comunidade em geral.

### **3. Instrumentos, Amostra e Procedimentos**

#### **Instrumentos**

Para a recolha de informação e dados necessários ao estudo, em conformidade com os objetivos delineados, propõe-se a realização de entrevistas semiestruturadas e semidiretivas. As entrevistas, no âmbito qualitativo, servem para obter informações permitindo ao entrevistado expressar a sua opinião pessoal acerca dos assuntos questionados pelo entrevistador (Olabuénaga, 1996, *cit. in* Fonte, 2005).

Logo, para este estudo, as entrevistas foram estruturadas a partir da análise da literatura mencionada na primeira parte do presente projeto. Desta forma foi elaborado um guião de entrevista (anexo A), constituído por 12 perguntas, onde foram abordados aspetos que vão de encontro aos objetivos propostos no ponto 1. e que estão relacionados com o fenómeno do *bullying*. O guião em questão também se baseou no guião elaborado para o estudo pré-piloto, uma vez que segue a mesma linha de pensamento.

### **Amostra**

Propõe-se uma amostra constituída por quatro professores que lecionam em escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico no concelho de Santo Tirso, mais concretamente turmas do 4º ano de escolaridade.

As escolas selecionadas para a amostra deste projeto seriam a Escola Básica do Foral (cidade de Santo Tirso), Escola Básica de Areias (freguesia de Areias), Escola Básica de Quintão (freguesia da Palmeira) e a Escola Básica de Tarrío (freguesia de Santa Cristina do Couto).

### **Procedimentos**

Para a elaboração deste projeto, inicialmente, será estabelecido o contacto telefónico com as escolas selecionadas, nomeadamente com a Coordenação das mesmas, no qual será mencionado o âmbito da realização do estudo e os seus objetivos, seguindo-se o pedido da realização das entrevistas às mesmas.

No que respeita ao tipo de entrevista, como já foi mencionado, trata-se de uma entrevista semiestruturada, que se ajusta com perguntas abertas e fechadas, onde o entrevistado tem a possibilidade de discursar sobre o tema proposto (Boni & Quaresma, 2005). Como exemplo de perguntas abertas utilizadas neste estudo apresenta-se a seguinte “*Pode descrever-me a sua turma relativamente ao seu comportamento dentro e fora da sala de aula? Como é a interação que os seus alunos têm uns com os outros?*”. Quanto às perguntas fechadas remete-se o exemplo da seguinte “*Nesta escola já foram realizadas ações de sensibilização acerca deste tema?*”. Estas perguntas

encontram-se disponíveis no anexo A, relativo ao guião da entrevista elaborado para este estudo.

Relativamente à escolha deste tipo de entrevista, deve-se ao facto de a investigadora querer “delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim que os objetivos sejam alcançados” (Boni & Quaresma, 2005, p.75). Este método também permite uma maior proximidade entre o entrevistador e o entrevistado, fazendo com que este responda mais espontaneamente e se sinta mais livre de expor a sua opinião acerca do tema (Boni & Quaresma, 2005).

As entrevistas serão realizadas nas respetivas escolas selecionadas, em local neutro e apropriado, por exemplo no gabinete dos professores, de forma, a que o entrevistado se sinta mais à vontade (Guerra, 2006) e, contará apenas com a presença dos dois elementos da entrevista. Quanto à duração das mesmas, foi estipulado o tempo entre uma a duas horas.

Outro aspeto importante é a gravação das entrevistas. Estas devem ser, sempre que possível, gravadas ao mesmo tempo que se vai tomando notas (Guerra, 2006). Portanto, a investigadora pedirá autorização aos professores para que seja gravada as respetivas entrevistas.

Posto isto e depois de concluída a fase de realização das entrevistas, far-se-á a transcrição integral do conteúdo revelado por cada entrevistado.

Após essas transcrições, proceder-se-á à sua análise e categorização dos conteúdos mais relevantes.

#### **4. Apresentação dos resultados esperados**

A abordagem a este ponto terá como base a exposição de categorias/subcategorias emergentes da análise efetuada à parte teórica deste projeto que serviu também como referência e apoio para a elaboração do guião da entrevista.

Posto isto, obteve-se da análise da literatura as seguintes categorias:

i) Violência Escolar – Bullying: pretende-se perceber o conhecimento que os professores têm acerca deste fenómeno, assim como a sua opinião pessoal e as experiências que tiveram relacionado com o mesmo.

ii) Escola: procura-se entender as relações existentes na escola focando nas seguintes subcategorias: 1) supervisão dos espaços escolares; 2) resolução de conflitos; 3) formação dos professores.

iii) Família: deseja-se compreender a educação que os pais dão aos filhos, segundo as seguintes subcategorias encontradas: 1) estilos educativos; 2) modelagem parental.

iv) Comportamento dos alunos: procura-se a entender as atitudes das crianças nesta fase do ensino primário, encontrando-se as seguintes subcategorias: 1) relações interpessoais; 2) comportamento não-verbal: silêncio (ou seja, se as crianças falam com os professores quando acontece ou quando veem alguma situação de violência).

v) Características individuais dos alunos: pretende-se que os professores descrevam as preocupações com os alunos que apresentam fatores preocupantes, tendendo para que se tornem possíveis agressores/vítimas. Identificam-se as seguintes subcategorias: 1) agressividade; 2) autoestima diminuída; 3) falta de empatia com os outros; 4) superioridade em relação aos outros.

vi) Prevenção: pede-se que os professores mencionem algumas estratégias, surgindo as seguintes subcategorias: 1) intervenção; 2) combate; 3) sensibilização; 4) informação.

Contudo, como já foi mencionado nesta parte empírica, a metodologia deste projeto sustenta-se no estudo pré-piloto realizado pela investigadora. Para tal, faz todo o sentido enquadrar neste ponto os resultados que se obteve nesse estudo, uma vez, que os mesmos vão de encontro às categorias/subcategorias delineadas para o presente projeto. Devido à extensão de tais resultados, serão apenas mencionados alguns excertos das entrevistas nas respetivas categorias/subcategorias, estando os restantes expressos em quadros que se encontram nos anexos, nomeadamente, no anexo F. Para interesse do

leitor, também se encontra anexado as transcrições, na sua íntegra, das entrevistas realizadas no estudo pré-piloto (anexos B, C, D, E).

No que respeita à primeira categoria (violência escolar – *bullying*), os professores admitem que o fenómeno “(...) *está muito presente nas escolas (...) não no 1º ciclo*”, uma vez que “*no ensino primário (...) as crianças ainda têm comportamentos “inocentes”, sem intenção de prejudicar o outro*”. Consideram tratar-se de um fenómeno preocupante e que os assusta imenso, devendo este género de estudo “(...) *ser aplicado desde a primária até ao secundário. Quanto mais cedo se fizer os estudos mais cedo se previne este fenómeno*”. Quanto às suas experiências referem que nunca contactaram com casos de *bullying* nem tiveram conhecimento de nenhum, no entanto, “*já contactei com alguns casos inquietantes, mas que não considero que seja bullying, porque não passam de situações pontuais que são sempre resolvidas (...)*”.

Na segunda categoria (escola), no que respeita à supervisão dos locais “(...) *os alunos são supervisionados pelos professores e funcionários. Nos intervalos os funcionários estão colocados em sítios estratégicos de forma a vigiar os alunos*”, no entanto, alguns professores mencionaram a falta de funcionários e auxiliares nas escolas. Quanto à resolução de conflitos referem que “*são situações esporádicas, que são resolvidas na altura e os pais são informados do que aconteceu*”, assim como, “*quando acontece algo repreendemos os alunos, como por exemplo, chamando-lhe à atenção, colocando-o a transcrever as regras de comportamento, (...), ou mesmo colocando-os de castigo, como não ir ao recreio*”. Relativamente à sua formação enquanto professores, estes relatam que “*os professores não estão de forma alguma preparados para lidar com alunos problemáticos nem com situações de violência*”, referem ainda que “*os professores são muito espezinhados, principalmente pelos pais dos alunos*” e que “*as escolas gostam de camuflar os problemas, transmitem a imagem de que está sempre tudo bem, com medo de sofrerem represálias, mas a verdade é que esta atitude só prejudica os alunos em vez de os ajudar*”.

Na categoria relativa à família, os professores remetem os seguintes factos relacionados com os estilos parentais e a modelagem parental: “*algumas crianças não têm um bom suporte familiar (...) o que veem em casa depois reproduzem-no na escola, como por exemplo, palavrões, faltas de respeito*”, “(...) *os pais estão cada vez mais*

*agressivos e a desvalorizar a profissão do professor (...)*”, nota-se que há alunos “(...) *que não estão a ser bem acompanhados em casa*”, “*os pais, hoje em dia, estão cada vez mais incapacitados de educar os seus filhos (...)*”, assim como, “(...) *não dão atenção aos filhos, não sabem lidar com a frustração da criança (...)*”. Os professores também relatam que alguns dos seus alunos encontram-se em “(...) *famílias desestruturadas (...)*” que “(...) *não se importam minimamente com os filhos*”. Neste âmbito pode-se relatar a seguinte apreciação de um professor que mencionou que “*acontece situações de violência mas é de pais sobre os professores*”, de forma, que se percebe que estas atitudes por parte dos pais podem refletir-se no comportamento das crianças.

Quanto à categoria referente aos comportamentos dos alunos, no que respeita às relações interpessoais os professores mencionam que “(...) *os alunos são bem comportados (...)*”, “(...) *são agitados mas bastante sociáveis*”. Um professor relata que existe “*um grupo de alunos cá na escola que são de etnia cigana mas que se encontram bem integrados na restante comunidade escolar*”. No entanto, salientam que os alunos “(...) *têm comportamentos espontâneos principalmente em situações de disputa (...)* *acontecem bofetadas, pontapés, mas nada de grave (...)*“, “*no recreio (...)* *as brincadeiras das crianças são mais agressivas*”. Relativamente ao comportamento não-verbal (silêncio das crianças em denunciar as situações de violência), os professores referem que “*os alunos têm o hábito de vir queixar-se à professora quando algum dos colegas os maltrata*”, “*são pouquíssimos os alunos que em vez de fazerem queixa à professora preferem dizer aos pais (...)*”.

Na quinta categoria (características individuais dos alunos), os professores indicam alguns fatores internos preocupantes que podem levar o aluno a tornar-se um possível agressor, sendo estes: irrequietos, hiperativos, agressivos com as pessoas, maldosos, implicativos com os colegas e manifestação de superioridade em relação aos outros. Dois professores relatam, ainda, o facto de já terem encaminhado os alunos mais problemáticos para psicólogos, chegando a ver um caso em que foi sinalizado à Comissão de Proteção de Crianças e Jovens em Risco. Quanto aos alunos que apresentam fatores que tendem a que estes se tornem possíveis vítimas de *bullying*, apenas um professor mencionou essas características, sendo estas: personalidade frágil, baixa autoestima, afastamento das pessoas, fraca identificação pessoal, dependência parental.

Por último, na categoria relativa à prevenção da violência escolar, os professores apresentam algumas estratégias de intervenção como “(...) *trabalhar com os alunos esta temática incutindo-lhes valores morais, respeito pelo outro, amizade, união, saber pedir ajuda*” revelando a importância deste trabalho “*uma vez que nestas idades há uma grande aproximação com o professor, o que depois não se verá com a transição para o 2º ciclo (...)*” e salientando que “*este trabalho não cabe só aos professores como também aos pais (...)*”. Um professor relata que a escola “*deve funcionar como uma união de pessoas (...)*”, referindo que na escola onde leciona “*quando há algum problema, os professores e funcionários são reunidos para debaterem esse problema e arranjam soluções. Todos têm conhecimento dos problemas e necessidades e resolvemo-los em equipa*”. Quanto à sensibilização deste fenómeno, os professores indicaram que foram realizadas ações de sensibilização nas escolas acerca desta temática como também de outras temáticas relacionadas. Ressaltaram o facto de estas ações serem “*destinadas a toda a comunidade escolar e encarregados de educação, sendo que a adesão destes últimos é muito baixa*”. Contudo, para aumentar esta adesão, uma das escolas, uma vez optou “*por dizer aos encarregados de educação que iria haver uma reunião geral sobre os seus educandos cuja comparência dos encarregados de educação era importante mas, afinal tratava-se de uma ação de sensibilização*”.

Após a exposição das categorias e subcategorias emergentes dos dados transmitidos pelos professores no estudo pré-piloto em convergência com as categorias e subcategorias elaboradas neste projeto, espera-se que os dados recolhidos nas entrevistas propostas no presente projeto vão de encontro aos resultados que se obtiveram no estudo pré-piloto.

## **5. Discussão dos resultados esperados**

Neste projeto prevê-se aplicar entrevistas aos professores do 1º Ciclo do Ensino Básico. Para tal, nesta discussão serão mencionados os resultados que se esperam obter fazendo uma relação com as hipóteses formuladas neste projeto.

Os resultados que se esperam observar são os seguintes:

i) Os professores mostrem ter conhecimento do fenómeno e estejam alertados para o mesmo. Assim como refiram algumas situações agressivas por parte dos alunos, embora, essas situações possam não representar os sinais necessários para que se enquadre no conceito de *bullying*, ou seja, não se tratam de situações de carácter continuado, persistente e sistemático, uma vez que estas crianças encontram-se numa faixa etária nova e também em desenvolvimento, onde a noção de intenção de prejudicar o outro ainda não se encontra totalmente vinculado na criança. Porém, espera-se uma concordância com os estudos realizados nesta área em que mencionam que os comportamentos agressivos mais visíveis nestas idades são de cariz verbal e físico.

ii) Os professores exponham possíveis estratégias para saberem lidar com os alunos mais problemáticos e melhorar o comportamento destes. Assim como também, se estão em concordância com o facto da falta de formação por parte dos professores em lidarem com as especificidades do *bullying* e, se acham de grande relevância que haja uma formação/preparação de professores a nível educacional e pedagógico.

iii) Quanto às variáveis que estão associadas ao comportamento do *bullying*, espera-se que os professores apontem para variáveis como a família, a escola, o grupo de pares, a sociedade, etc., sendo a família e a sua influência a que mais se pretende destacar, pois são o núcleo principal e responsável pelas crianças e no qual os professores têm mais contato.

iv) Relativamente à hipótese que refere a agressividade ocorrida por parte dos pais e encarregados de educação em relação aos professores, espera-se que os professores admitam a ocorrência desses acontecimentos, dada a pouca importância que se destaca no papel do professor nos dias de hoje por parte dos familiares dos alunos.

v) Os dados que serão recolhidos confirmam, de igual modo, a hipótese de que nas escolas do 1º ciclo do Ensino Básico é frequente a presença de funcionários e professores, em especial, no recreio, como também em outros locais da escola.

vi) Os professores realcem que um maior envolvimento da comunidade escolar nas diferentes medidas de intervenção estará associado à maior eficácia na prevenção do *bullying*, como também o envolvimento da família e da comunidade em geral.

Em suma, para este projeto espera-se que os objetivos e as hipóteses formuladas sejam suportados pelos resultados obtidos, de forma, que este projeto se torne relevante para depois, e caso seja necessário, servir como guia para uma posterior intervenção nas escolas selecionadas na amostra.

## CONCLUSÃO

---

Este projeto baseia-se num estudo exploratório acerca do fenómeno da violência escolar, no qual se propõe realizar entrevistas semiestruturadas e semidiretivas aos professores das escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico do concelho de Santo Tirso. Tem como principal objetivo entender a perspectiva dos professores em relação a esta problemática.

Para sustentar este estudo, foi abordada a literatura que suporta o conhecimento e as especificidades acerca desta temática e depois procedeu-se à construção da metodologia do estudo, na qual a investigadora delineou objetivos e formulou hipóteses atingir com a realização do estudo. Contudo, nesta metodologia foi utilizado um estudo pré-piloto que a investigadora realizou durante o período de estágio curricular.

O estudo pré-piloto serviu como base a esta investigação uma vez que seguiu uma linha metodológica idêntica e assim pode-se ter uma melhor perceção acerca dos resultados que são esperados. Porém, aponta-se algumas falhas na aplicação do estudo pré-piloto, de forma, a evitar que esses erros sejam cometidos neste projeto.

Em primeiro, destaca-se a seleção da amostra, uma vez que não foi realizada nenhuma caracterização para determinar se a amostra era a mais adequada para se aplicar o estudo em questão.

Quanto à realização das entrevistas, estas não foram gravadas o que levou a perdas de informação por parte da investigadora que poderiam ser pertinentes para o estudo. No que respeita à condução das entrevistas, esta foi muito cingida ao guião elaborado, não tendo a investigadora, de alguma forma, obtido outros dados que poderiam ter sido importantes para o estudo.

Relativamente ao método utilizado, para além das entrevistas aplicadas aos professores também deveria ter sido feita uma observação no terreno, nomeadamente do comportamento das crianças, de forma a obter mais dados sustentáveis à investigação.

## BIBLIOGRAFIA

---

- Almeida, A. e Fernández, M. (2014). O caráter ímpar do bullying na relação de pares: Conceptualização e modelos de intervenção sistemática. *In: Matos, M. Vítimas de Crime e Violência – Práticas de Intervenção*. Psiquilibrios Edições. Braga, Psiquilibrios, pp. 45-56.
- Batista, E. C., Oliveira, B. A. e Pires, S. L. (2011). A Influência da Família na Aquisição de Modelos Agressivos pelas Crianças. [Em linha]. Disponível em <<http://psicologado.com/psicologia-geral/desenvolvimento-humano/a-influencia-da-familia-na-aquisicao-de-modelos-agressivos-pelas-criancas>>. [Consultado em 17-07-2015].
- Boni, V. e Quaresma, S. J. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, Vol. 2, 1 (3). [Em linha]. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>>. [Consultado em 06-07-2015].
- Botelho, R. e Souza, J. (2007). Bullying e Educação Física na Escola: Características, Casos, Consequências e Estratégias de Intervenção. *Revista de Educação Física*, nº139. [Em linha]. Disponível em <[https://scholar.google.pt/scholar?q=Bullying+e+Educa%C3%A7%C3%A3o+F%C3%ADsica+na+Escola%3A+Caracter%C3%ADsticas%2C+Casos%2C+Consequ%C3%AÂncias+e+Estrat%C3%A9gias+de+Interven%C3%A7%C3%A3o&btnG=&hl=pt-PT&as\\_sdt=0%2C5&as\\_vis=1](https://scholar.google.pt/scholar?q=Bullying+e+Educa%C3%A7%C3%A3o+F%C3%ADsica+na+Escola%3A+Caracter%C3%ADsticas%2C+Casos%2C+Consequ%C3%AÂncias+e+Estrat%C3%A9gias+de+Interven%C3%A7%C3%A3o&btnG=&hl=pt-PT&as_sdt=0%2C5&as_vis=1)>. [Consultado em 03-07-2015].
- Born, M. (2005). *Psicologia da Delinquência*. Lisboa, Climepsi Editores.
- Carvalhosa, S., Lima, L. et al. (2001). Bullying – A provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. *Análise Psicológica*, 4 (XIX). [Em linha]. Disponível em <<http://publicacoes.ispa.pt/publicacoes/index.php/ap/article/view/21/pdf>>. [Consultado em 03-06-2015].

Carvalhosa, S., Moleiro, C. e Sales, C. (2009). A situação do bullying nas escolas portuguesas. *Revista Interações*, nº3. [Em linha]. Disponível em <<http://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/350/1/M7.pdf>>. [Consultado em 23-03-2015].

Código Penal (2013). Coimbra, Edições Almedina.

Costa, M. E. e Vale, D. (1998). *A violência das escolas*. Linda-a-Velha, Ciências da Educação.

Costa, P. e Pereira, B. (2010). O bullying na escola: A prevalência e o sucesso escolar. *In: Almeida, L., Silva, B. e Caires, S. (Orgs.), Atas do I Seminário Internacional «Contributos da Psicologia em Contexto Educativo»*. [Em linha]. Disponível em <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/13613/1/Bullying%20na%20escola%20A%20prevalencia%20e%20o%20sucesso%20escolar.pdf>>. [Consultado em 03-06-2015].

Debarbieux, E. (2002). Cientistas, políticos e violência: rumo a uma comunidade científica europeia para lidar com a violência nas escolas? *In: Debarbieux, E. e Blaya C. Violência nas Escolas e Políticas Públicas*. Brasília, Edições Unesco Brasil, pp. 13-34.

Debarbieux, E. (2002). Violência nas escolas: divergências sobre palavras e um desafio político. *In: Debarbieux, E. e Blaya C. Violência nas Escolas e Políticas Públicas*. Brasília, Edições Unesco Brasil, pp. 59-92.

Elijah, D. (2014). *Cérebro: a mente cognitiva social na promoção das competências psicossociais em grupo de pares*. Porto, Fronteira do Caos Editores.

Ferreira, J. e Tavares, H. (2009). Bullying no Ambiente Escolar. *Revista da Católica*, 1 (2). [Em linha]. Disponível em <<http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv1n2/15-PEDAGOGIA-04.pdf>>. [Consultado em 20-06-2015].

Ferreira, V., Rowe, J. F. e Oliveira, L. A. (2010). Perceção do professor sobre o fenómeno bullying no ambiente escolar. *Unoesc & Ciência – ACHS*, 1(1). [Em linha]. Disponível em <[http://editora.unoesc.edu.br/index.php/achs/article/view/138/pdf\\_15](http://editora.unoesc.edu.br/index.php/achs/article/view/138/pdf_15)>. [Consultado em 18-07-2015].

Fonte, C. (2005). Investigar narrativas e significados: a grounded analysis como metodologia de referência. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, nº2. [Em linha]. Disponível em <<http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/669/1/290-297FCHS2005-2.pdf>>. [Consultado em 06-07-2015].

Gontijo, S. B. F. e Saboia, F. F. S. (2008). A perceção de um grupo de professores dos anos iniciais do ensino fundamental acerca do fenómeno bullying no ambiente escolar. [Em linha]. Disponível em <[http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/101\\_85.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/101_85.pdf)>. [Consultado em 18-07-2015].

Guerra, I. C. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo: sentidos e formas de uso*. Estoril, Príncipeia.

Gulbenkian Foundation (1995). *Children & Violence*. London, Calouste Gulbenkian Foundation.

Marcelli, D. (2005). *Infância e Psicopatologia*. Climepsi Editores.

Martins, M. J. D. (2005). O Problema da Violência Escolar: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. *Revista Portuguesa de Educação*, 18(1). [Em linha]. Disponível em <<http://www.redalyc.org/pdf/374/37418106.pdf>>. [Consultado em 27-07-2015].

Martins, N. V. e Almario, A. (2012). Bullying: uma perspectiva sobre o agressor. *Revista da Universidade Ibirapuera*, Vol. 4. [Em linha]. Disponível em <<http://www.revistaunib.com.br/vol4/42.pdf>>. [Consultado em 29-07-2015].

- Matos, M. B. (2010). *Figures et destins du masochisme en Psychanalyse. Relations entre le masochisme et le traumatisme à partir l'oeuvre de Freud*. Monografia de investigação de Pós-doutoramento - Université Paris 7 - Denis Diderot, Paris, inédito.
- Neto, A. (2005). Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, 81 (5). [Em linha]. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>>. [Consultado em 03-07-2015].
- Neves, J. L. (1996). Pesquisa Qualitativa – Características, Usos e Possibilidades. [Em linha]. Disponível em <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>>. [Consultado em 06-06-2015].
- Nunes, L. M. (2010). *Crime e Comportamentos Criminosos*. Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Olweus, D. (2005). *Bullying at school: What we know and what we can do*. Malden, Blackwell Publishing.
- Pereira, B. (2005). Recreios escolares e prevenção da violência: dos espaços às atividades. [Em linha]. Disponível em <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/3966>>. [Consultado em 08-07-2015].
- Pereira, B. (2006). Prevenção da violência em contexto escolar: Diagnóstico e programa de intervenção. In: Neto, J. e Nascimento, M. *Infância: Violência, Instituições e Políticas Públicas*. São Paulo, Expressão e Arte Editora, pp. 43-51.
- Pereira, B. (2008). *Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. Fundação Calouste Gulbenkian.

Pinho, L. F. S. V. (2004). A agressividade e os conflitos nas brincadeiras entre crianças em situação de risco social. [Em linha]. Disponível em <[http://tede.biblioteca.ucg.br/tde\\_arquivos/11/TDE-2006-08-22T065529Z-196/Publico/Luiz%20Fernando%20Sempionato%20Vieira%20Pinho.pdf](http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_arquivos/11/TDE-2006-08-22T065529Z-196/Publico/Luiz%20Fernando%20Sempionato%20Vieira%20Pinho.pdf)>. [Consultado em 28-07-20015].

Portugal. Decreto-Lei n.º 401/82, de 23 de Setembro, publicado em DR – I Série, n.º 221, da mesma data (Regime Penal Aplicável a Jovens Delinquentes).

Portugal. Lei n.º 166/99, de 14 de Setembro, publicado em DR – I Série – A, n.º 215, da mesma data (Lei Tutelar Educativa).

Queiroz, R. F. P. e Têrziş, A. (2012). O Bullying como fenómeno psíquico produzido no grupo. In: *Anais do XVII Encontro de Iniciação Científica e do II Encontro de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação*. [Em linha]. Disponível em <[http://www.puccampinas.edu.br/websist/Rep/Sic08/Resumo/2012821\\_184514\\_323823635\\_resENA.pdf](http://www.puccampinas.edu.br/websist/Rep/Sic08/Resumo/2012821_184514_323823635_resENA.pdf)>. [Consultado em 29-07-2015].

Raimundo, R. e Seixas, S. (2009). Comportamentos de Bullying no 1º ciclo: estudo de caso numa escola de Lisboa. Revista *Interações*, nº13. [Em linha]. Disponível em <<http://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/352/1/M9.pdf>>. [Consultado em 31-03-2015].

Ramírez, F. C. (2001). *Conduitas Agressivas na Idade Escolar*. Lisboa, McGraw-Hill.

Ramírez, F. C. (2001). Variables de personalidade associadas en la dinámica bullying (agressores versus vítimas) en niños y niñas de 10 a 15 años. *Anales de Psicología*, 17(1). [Em linha]. Disponível em <<https://digitum.um.es/jspui/bitstream/10201/7974/1/Variables%20de%20personalidad%20asociadas%20en%20la%20dinamica%20bullying.pdf>>. [Consultado em 14-04-2015].

- Redondo, J., Pimental, I. e Correia, A. (2012). Manual SARAR – Sinalizar, Apoiar, Registrar, Avaliar, Referenciar – Uma proposta de manual para profissionais de saúde na área da violência familiar/entre parceiros íntimos. [Em linha]. Disponível em <<http://www.cig.gov.pt/siic/2015/01/manual-sarar-sinalizar-apoiar-registar-avaliar-referenciar/>>. [Consultado em 27-07-2015].
- Ribeiro, A. T. M. (2007), O Bullying em contexto escolar – estudo de caso. [Em linha]. Disponível em <<http://repositorio.uportu.pt/jspui/handle/11328/171>>. [Consultado em 24-03-2015].
- Seixas, S. R. P. M. M. (2006). Comportamentos de Bullying entre Pares – Bem estar e Ajustamento Escolar. [Em linha]. Disponível em <<http://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/111/1/Tese.Dout.Sonia.Seixas.pdf>>. [Consultado em 05-07-2015].
- Silva, J. L., Oliveira, W. A. e Bazon, M. R. (2014). Bullying: Conhecimentos, Atitudes e Crenças de Professores. *Psico*, 45(2). [Em linha]. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/12683/11704>>. [Consultado em 18-07-2015].
- Smith, P. K. (2004). Bullying: Recent Developments, *Child and Adolescent Mental Health*, 9(3), pp. 98-103.
- Sousa, P. M. L. (2005). Agressividade em Contexto Escolar. [Em linha]. Disponível em <[http://www.psicologia.pt/artigos/ver\\_artigo.php?codigo=A0261](http://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0261)>. [Consultado em 27-07-2015].
- Sousa, R., Pereira, B. & Lourenço, L. (2011). O bullying, locais e representações dos recreios. Estudo com crianças de uma escola básica de 5º e 6º anos. *In: Barbosa, A., Lourenço, L. & Pereira, B. (Orgs.), Bullying. Conhecer & Intervir*. Juiz de Fora, Editora UFJF. [Em linha]. Disponível em <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/18310>>. [Consultado em 24-05-2015].

Souza, M. A. e Castro, R. E. F. (2008). Agressividade infantil no ambiente escolar: concepções e atitudes do professor. *Psicologia em Estudo*, 13(4). [Em linha]. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n4/v13n4a22.pdf>>. [Consultado em 15-07-2015].

Strecht, P. (1966). *Preciso de ti: perturbações psicossociais em crianças e adolescentes*, Lisboa. Assírio & Alvim.

Strecht, P. (2001). *Interiores: uma ajuda aos pais sobre a vida emocional dos filhos*, Lisboa. Assírio & Alvim.

## **ANEXOS**

---

## **Anexo A** – Guião da entrevista a realizar aos Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico

---

Entrevista semiestruturada e semidiretiva com aproximadamente uma hora de duração.

1. Pode descrever-me a sua turma relativamente ao seu comportamento dentro e fora da sala de aula? Como é a interação que os seus alunos têm uns com os outros?

2. O *bullying* é um fenómeno que está presente nos dias de hoje, enquanto professora, qual a sua opinião relativamente a este fenómeno e quais as variáveis que influenciam para o acontecimento do mesmo?

3. Qual o ano escolar que acha mais pertinente fazer este estudo acerca do *bullying*?

4. Na sua experiência enquanto docente, já contactou com algum caso de *bullying*? Se sim, como é que foi resolvida a situação? O que fez?

5. Tem algum aluno/a que pelas suas características individuais poderá mais tarde vir a recorrer à violência? Ou, no caso contrário, se algum dos seus alunos poderá ser uma possível vítima deste tipo de violência?

6. Segundo alguns estudos, o *bullying* ocorre normalmente em locais pouco supervisionados, como o recreio, casa de banho, corredor das salas. Relativamente a estes locais nesta escola mencionados há a presença de adultos?

7. Já algum aluno recorreu à professora a queixar-se de ter sido maltratado fisicamente/psicologicamente por outro colega?

8. Já algum encarregado de educação veio queixar-se à professora sobre o seu educando estar a ser maltratado por outro colega?

9. Pode-me descrever a relação que existe entre a comunidade escolar, mais concretamente os professores, e os pais/encarregados de educação?

10. Acha que os professores estão preparados para lidar com alunos problemáticos a nível educacional e pedagógico?

11. A nível de prevenção, o que acha que deve ser feito para evitar estas situações de violência?

12. Nesta escola já foram realizadas ações de sensibilização acerca deste tema? Se sim, o que foi feito? Houve resultados?

**Anexo B** – Transcrição da entrevista do estudo pré-piloto (Professor da EB Santo Tirso)

---

**1. Pode descrever-me a sua turma relativamente ao seu comportamento dentro e fora da sala de aula? Como é a interação que os seus alunos têm uns com os outros?**

A minha turma é constituída por 20 alunos, no qual 11 são rapazes e 9 raparigas. Um dos alunos é repetente. Relativamente ao seu comportamento, os alunos são bem comportados, no entanto, têm comportamentos espontâneos principalmente em situação de disputa (exemplo: jogos interativos). Acontece bofetadas, pontapés, mas nada de grave, próprio da idade. A interação entre eles é positiva, são amigos uns dos outros. Existe uma criança ou outra mais implicativa. Por malícia, normalmente são os maus alunos que agem sobre os bons alunos, em termos de violência verbal, os bons alunos agem sobre os maus alunos, revelando superioridade.

**2. O *bullying* é um fenómeno que está presente nos dias de hoje, enquanto professora, qual a sua opinião relativamente a este fenómeno e quais as variáveis que influenciam para o acontecimento do mesmo?**

É verdade, que este problema está muito presente nas escolas, mas na minha opinião, não no 1º ciclo. Acontece situações de violência mas é de pais sobre os professores. Temos algumas crianças que não têm um bom suporte familiar o que contribui para certas atitudes que têm, ou seja, o que vêm em casa depois reproduzem-no na escola, como por exemplo, palavrões, faltas de respeito.

**3. Qual o ano escolar que acha mais pertinente fazer este estudo acerca do *bullying*?**

Na minha opinião acho pertinente que se aplique este estudo a alunos mais velhos, como 2º e 3º ciclo e Secundário. No ensino primário maioria das crianças ainda têm comportamentos “inocentes”, sem intenção de prejudicar o outro. São situações esporádicas, que com a chamada à razão por parte dos professores, elas aprendem. Contudo, enquanto professora, nas minhas aulas quando surgem este tipo de situações falo com os meus alunos transmitindo-lhes valores morais, a importância do respeito pelo outro, da amizade e união entre colegas. É importante que se faça este trabalho, uma vez que nestas idades há uma grande aproximação com o professor, o que depois não se verá com a transição para o 2º ciclo. Também relativamente, aos alunos com necessidades especiais educativas, temos esse cuidado.

**4. Na sua experiência enquanto docente, já contactou com algum caso de Bullying? Se sim, como é que foi resolvida a situação? O que fez?**

Em 36 anos de docência nunca contactei com nenhum caso de *bullying*. Como já disse há uma situação ou outra que ocorre mas é resolvida a situação no momento.

**5. Tem algum aluno/a que pelas suas características individuais poderá mais tarde vir a recorrer à violência? Ou, no caso contrário, se algum dos seus alunos poderá ser uma possível vítima deste tipo de violência?**

Tivemos um aluno que era bastante problemático. Era bastante irrequieto, hiperativo, agressivo com as pessoas. Chegámos até a sinalizá-lo à Comissão de Proteção de Crianças e Jovens em Risco. Tivemos algumas situações complicadas com ele e, depois também com a mãe. Também já tivemos alunos, agora já adultos, que no seu percurso escolar as coisas não foram fáceis. Estes alunos vinham de famílias desestruturadas, que não lhes souberam dar educação, não se importavam minimamente com os filhos. Tornaram-se, no entanto, delinquentes.

**6. Segundo alguns estudos, o *bullying* ocorre normalmente em locais pouco supervisionados, como o recreio, casa de banho, corredor das salas. Relativamente a estes locais nesta escola mencionados há a presença de adultos?**

Sim, nesta escola os alunos são supervisionados pelos professores e funcionários. Nos intervalos os funcionários estão colocados em sítios estratégicos de forma a vigiar os alunos.

**7. Já algum aluno recorreu à professora a queixar-se de ter sido maltratado fisicamente/psicologicamente por outro colega?**

As situações que acontecem não são de grande gravidade. Os alunos “metem-se” uns com os outros mas não de maneira a prejudicar o outro. São comportamentos típicos da idade mas nós chamamos sempre atenção do aluno que cometeu tal comportamento. E, sim, os alunos têm o hábito de vir queixar-se à professora ou funcionária pelos comportamentos que outros meninos tiveram. Como já disse, existe uma grande proximidade entre mim e os meus alunos, mesmo em questão de problemas que existam em casa, eles acabam por vir contar-me. Nas aulas é-lhes transmitido a importância de saber pedir ajuda.

**8. Já algum encarregado de educação veio queixar-se à professora sobre o seu educando estar a ser maltratado por outro colega?**

Sim, já houve uma situação de uma mãe vir queixar-se de que o filho estava a ser maltratado por outro. A atitude da mãe não foi a melhor, porque veio pedir satisfação de

forma rude acabando mesmo por agredir-me. Na verdade, o filho desta mãe não tinha sido maltratado por nenhum colega, até pelo contrário. Segundo os testemunhos das funcionárias, este aluno é que tinha agredido outro. O aluno em questão vinha ferido mas segundo as funcionárias, tal ferimento não tinha sido provocado pelo aluno que estava a ser acusado.

**9. Acha que os professores estão preparados para lidar com alunos problemáticos a nível educacional e pedagógico?**

De forma alguma. A função do professor é ensinar e não educar, acabando por vezes, ter as duas funções. Os professores são muito espezinhados, principalmente pelos pais dos alunos. Conheço alguns casos de violência sobre os professores por parte dos pais. Os adultos, nestes caso os pais, estão cada vez mais agressivos e a desvalorizar a profissão do professor. Aquilo que ensinámos aos alunos é depois contrariado pelos pais, e sendo estes a figura de autoridade, os alunos acabam por seguir os ideais destes.

**10. Estamos numa era em que cada vez mais, as crianças têm acesso às novas tecnologias e aos perigos que as mesmas trazem consigo. No âmbito do *bullying*, como podem as tecnologias incitar ao fenómeno?**

Nesta escola os alunos estão proibidos de trazer qualquer tipo de tecnologia, no entanto, houve uma situação de uma menina ter tirado o telemóvel ao avô e depois estar na escola, com outras colegas, a tirar fotos na casa de banho, em poses impróprias para a idade. A situação foi imediatamente comunicada aos pais. Na escola temos esse controlo, relativamente às tecnologias, agora em casa não sei se os meus alunos terão essa supervisão por parte dos pais. Sendo que, nós enquanto professores, alertámos os pais para isso.

**11. A nível de prevenção, o que acha que deve ser feito para evitar estas situações de violência?**

Como já disse, eu costumo trabalhar com os alunos esta temática incutindo-lhes valores morais, respeito pelo outro, amizade, união, saber pedir ajuda. Faço o que gostaria que outros professores fizessem pelos meus filhos.

Relativamente aos professores. Sim, estes necessitam de proteção porque são alvo de muitos pais e a Escola Segura devia estar mais presente nesta escola.

**12. Tem conhecimento da constituição jurídica acerca do fenómeno de *bullying*?**

Sim, tenho uma vaga noção da constituição jurídica.

**13. Nesta escola já foram realizadas ações de sensibilização acerca deste tema?  
Se sim, o que foi feito? Houve resultados?**

Nesta escola já realizamos diversas ações de sensibilização relativas a diversos temas incluindo o *bullying*. Estas são destinadas a alunos, professores e encarregados de educação. Se houve resultados, pode-se dizer que sim, no entanto, os pais não aderem muito a este tipo de iniciativas, o que é bastante preocupante.

**Anexo C – Transcrição da entrevista do estudo pré-piloto (Professor da EB da Ermida)**

---

**1. Pode descrever-me a sua turma relativamente ao seu comportamento dentro e fora da sala de aula? Como é a interação que os seus alunos têm uns com os outros?**

A minha turma é constituída por 24 alunos. No geral, são crianças bem comportadas quando estão comigo, o mesmo já não acontece quando tenho que me ausentar e outra professora vai substituir-me. Nessa situação eles ficam muito agitados. Na minha turma há dois meninos que são “terríveis”. Um deles é maroto mas educado enquanto o outro implica com os colegas, desrespeita os professores e funcionários, implica com o almoço, é maldoso e já foi encaminhado para a psicóloga.

**2. O *bullying* é um fenómeno que está presente nos dias de hoje, enquanto professora, qual a sua opinião relativamente a este fenómeno e quais as variáveis que influenciam para o acontecimento do mesmo?**

Na minha opinião penso que não é um fenómeno recente, sempre existiu só que não era tanto mediatizado como é nos dias de hoje. É um problema que me preocupa imenso e penso que estes comportamentos que as crianças têm advêm, principalmente, da falha na educação por parte dos pais. Estes não dão atenção aos filhos, não sabem lidar com a frustração da criança e, sobretudo, não acompanham o percurso de vida dos filhos.

**3. Qual o ano escolar que acha mais pertinente fazer este estudo acerca do *bullying*?**

Este estudo deve ser aplicado a todos os anos escolares, desde a primária até ao secundário. Quanto mais cedo se fizer estes estudos mais cedo se previne este fenómeno.

**4. Na sua experiência enquanto docente, já contactou com algum caso de *bullying*? Se sim, como é que foi resolvida a situação? O que fez?**

Ao longo da minha carreira docente nunca contactei com casos de Bullying nem tive conhecimento de nenhum. Os casos em que tive conhecimento foram de episódios esporádicos que foram logo resolvidos, mas nada que possa ser considerado como Bullying.

**5. Tem algum aluno/a que pelas suas características individuais poderá mais tarde vir a recorrer à violência? Ou, no caso contrário, se algum dos seus alunos poderá ser uma possível vítima deste tipo de violência?**

Como disse logo de início tenho dois alunos na minha turma que são casos preocupantes, um mais do que o outro. Quanto ao aluno que mais conflito arranja, tenho receio quanto ao seu futuro, porque até agora consegui controlá-lo e acompanhá-lo, mas depois quando ele passar para o ensino básico não terá tanto acompanhamento, no que respeita aos professores. Os pais, neste caso, também não ajudam. Eu, a coordenadora da escola e a psicóloga conversámos com eles mas estes dão pouca importância à situação. É mesmo uma situação preocupante, pois pelas características que este aluno apresenta pode vir a tornar-se um possível delinquente.

**6. Segundo alguns estudos, o *bullying* ocorre normalmente em locais pouco supervisionados, como o recreio, casa de banho, corredor das salas. Relativamente a estes locais nesta escola mencionados há a presença de adultos?**

Nesta escola temos esse cuidado. A verdade é que não temos muitos funcionários e por isso optámos por estratégias. Por exemplo, os alunos na hora de recreio/hora de almoço, vão de forma organizada à casa de banho com supervisão do funcionário, depois vão para o recreio e nesse tempo que estão a brincar não podem ir para outro local da escola (salas de aula, corredores das salas, casas de banho, refeitório), assim desta forma mantemos os alunos vigiados.

**7. Já algum aluno recorreu à professora a queixar-se de ter sido maltratado fisicamente/psicologicamente por outro colega?**

Os meus alunos têm por hábito vir queixar-se de qualquer situação que aconteça com eles e com outros colegas. São situações esporádicas, que são resolvidas na altura e os pais são informados do que aconteceu. Eu, nas minhas aulas, incuto-lhes o sentido de responsabilização, o saber pedir ajuda, o valor da amizade, da união e respeito pelo outro.

**8. Já algum encarregado de educação veio queixar-se à professora sobre o seu educando estar a ser maltratado por outro colega?**

Não, nunca aconteceu.

**9. Acha que os professores estão preparados para lidar com alunos problemáticos a nível educacional e pedagógico?**

Eu penso que sim. Sei que há professores que têm alguma dificuldade em lidar com os alunos mais problemáticos, mas no geral, acho que estão preparados. Eu acho que esta preparação também parte da nossa experiência de vida, da educação que nos foi inculcada e do acompanhamento que os nossos pais nos deram. Aquilo que aprendi ao

longo da vida tento transmitir aos meus alunos de forma a ganhar uma maior proximidade com eles e conseguir lidar melhor com eles.

**10. Estamos numa era em que cada vez mais, as crianças têm acesso às novas tecnologias e aos perigos que as mesmas trazem consigo. No âmbito do *bullying*, como podem as tecnologias incitar ao fenómeno?**

Os alunos estão proibidos de usar telemóvel na escola, contudo podem usar a Internet mas sempre com supervisão de um professor. Em casa não sabemos se há essa supervisão por parte dos pais mas já tivemos o cuidado de alertar os mesmos para o perigo das tecnologias.

**11. A nível de prevenção, o que acha que deve ser feito para evitar estas situações de violência?**

Acima de tudo, é importante que essa prevenção comece no seio familiar. A educação que os pais dão aos seus filhos é essencial, e o que nós verificamos é que isso não acontece. Nós (professores), muitas vezes, temos que desempenhar um pouco o papel dos pais. Como já disse, nas minhas aulas falo com os meus alunos acerca desta temática e transmitindo-lhes valores morais, respeito pelo outro, amizade, união, saber pedir ajuda.

**12. Tem conhecimento da constituição jurídica acerca do fenómeno de *bullying*?**

Não, não tenho conhecimento.

**13. Nesta escola já foram realizadas ações de sensibilização acerca deste tema? Se sim, o que foi feito? Houve resultados?**

Sim, nesta escola já fizemos ações de sensibilização acerca desta temática como também sobre outras temáticas. Estas ações foram realizadas pelas forças de segurança mas também já houve outras que fomos nós que organizámos e, são destinadas a toda a comunidade escolar como também aos encarregados de educação. Estes, por sua vez, não aderem muito a estas iniciativas, o que é preocupante.

**Anexo D – Transcrição da entrevista do estudo pré-piloto (Professor da EB da Lama)**

---

**1. Pode descrever-me a sua turma relativamente ao seu comportamento dentro e fora da sala de aula? Como é a interação que os seus alunos têm uns com os outros?**

A minha turma é constituída por alunos do 3º e 4º ano. São alunos muito agitados mas bastante sociáveis. Há dois alunos com necessidades educativas especiais, no qual um deles encontra-se num nível inferior 1º e 2º ano enquanto o outro está num nível mais avançado conseguindo, de certa forma, acompanhar os restantes alunos do 3º e 4º ano.

**2. O *bullying* é um fenómeno que está presente nos dias de hoje, enquanto professora, qual a sua opinião relativamente a este fenómeno e quais as variáveis que influenciam para o acontecimento do mesmo?**

É um fenómeno que me assusta imenso enquanto professora e mãe. E depois do que assistimos na televisão com casos relacionados com o *bullying*, torna-se muito preocupante. Relativamente às variáveis que podem influenciar este fenómeno estão, sobretudo, os pais e a educação que estes dão aos seus filhos. Nota-se que há um aluno ou outro que não estão a ser bem acompanhados em casa, ou seja, a educação que lhes é dada não é a melhor.

O grupo de pares também influencia, nesta idade nem tanto, mas em idades mais avançadas.

**3. Qual o ano escolar que acha mais pertinente fazer este estudo acerca do *bullying*?**

Na minha opinião deve aplicar-se este estudo a partir do 4º ano, porque as crianças à medida que vão crescendo tornam-se mais agressivas. Noto que de ano para ano as brincadeiras dos alunos que passam por mim, tornam-se cada vez mais agressivas. Há uns anos atrás as crianças brincavam ao elástico, saltavam à corda.

No 1º e 2º ano as crianças ainda são muito pequenas e são mais dóceis.

**4. Na sua experiência enquanto docente, já contactou com algum caso de *bullying*? Se sim, como é que foi resolvida a situação? O que fez?**

Na minha experiência enquanto docente nunca tive conhecimento nem contactei com nenhum caso de *bullying*.

**5. Tem algum aluno/a que pelas suas características individuais poderá mais tarde vir a recorrer à violência? Ou, no caso contrário, se algum dos seus alunos poderá ser uma possível vítima deste tipo de violência?**

Em concreto não tenho nenhum aluno que apresente características intrínsecas para que possa vir um dia a torna-se agressor/vítima. No entanto, tenho um aluno que a nível de educação, é mal-educado, tem comportamentos muito infantis. Os pais já foram chamados à atenção mas estes não conseguem orientá-lo no bom sentido.

**6. Segundo alguns estudos, o *bullying* ocorre normalmente em locais pouco supervisionados, como o recreio, casa de banho, corredor das salas. Relativamente a estes locais nesta escola mencionados há a presença de adultos?**

Esta escola é muito pequena, sendo que temos duas funcionárias a vigiar os alunos enquanto estes estão no recreio. Durante esse tempo, os alunos permanecem no recreio não podendo ir para outro local da escola.

**7. Já algum aluno recorreu à professora a queixar-se de ter sido maltratado fisicamente/psicologicamente por outro colega?**

Os alunos têm o hábito de vir queixar-se à professora quando algum dos colegas os maltrata. São atos esporádicos nos quais não podemos considerar que seja praticado *bullying*. Quando há queixas nós resolvemos a situação e chamamos atenção aos alunos. Nesta fase da primária, há uma grande proximidade entre os alunos e professores.

**8. Já algum encarregado de educação veio queixar-se à professora sobre o seu educando estar a ser maltratado por outro colega?**

Em dois anos que estou nesta escola nunca tive nenhuma queixa por parte dos pais.

**9. Acha que os professores estão preparados para lidar com alunos problemáticos a nível educacional e pedagógico?**

Eu acho que os professores nunca estão preparados para este tipo de situações. No entanto, quando elas aparecem nós temos de saber lidar e gerir muito bem o problema.

**10. Estamos numa era em que cada vez mais, as crianças têm acesso às novas tecnologias e aos perigos que as mesmas trazem consigo. No âmbito do *bullying*, como podem as tecnologias incitar ao fenómeno?**

Nesta escola os alunos têm acesso às novas tecnologias, como o computador com acesso à internet, mas são sempre acompanhados pelo professor. Já tiveram até aulas de TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação). Em casa, penso que não têm esse hábito. Há um aluno ou outro que diz ter conta nas redes sociais e que têm tablets.

Contudo, noto que maioria dos alunos quando colocados na escola em frente ao computador para realizar alguma pesquisa, não sabem lidar com o mesmo.

**11. A nível de prevenção, o que acha que deve ser feito para evitar estas situações de violência?**

O diálogo com as crianças é muito importante. Deve-lhes ser inculcido valores, como amizade, a solidariedade, o respeito pelo outro, a ajuda, entre outros. Este trabalho não cabe só aos professores como também aos pais. Como já referi, as crianças têm brincadeiras mais agressivas, mas se falarmos com elas sobre estes aspetos penso que conseguimos melhorar esses comportamentos.

**12. Tem conhecimento da constituição jurídica acerca do fenómeno de *bullying*?**

Não.

**13. Nesta escola já foram realizadas ações de sensibilização acerca deste tema? Se sim, o que foi feito? Houve resultados?**

Acerca deste tema, em concreto, não houve. Houve acerca de outros temas mas que estão relacionados com o *bullying*, como por exemplo, os “Maus Comportamentos”, “Regras de Comportamento”. Estas ações são destinadas aos alunos e aos encarregados de educação. Estes últimos, demostram-se bastante interessados nestes assuntos e comparecem às sessões.

**Anexo E – Transcrição da entrevista do estudo pré-piloto (Professor do Centro Escolar São Bento da Batalha)**

---

**1. Pode descrever-me a sua turma relativamente ao seu comportamento dentro e fora da sala de aula? Como é a interação que os seus alunos têm uns com os outros?**

Os alunos da minha turma são bastante cúmplices. A nível de comportamento, quando estão comigo portam-se bem porque já me conhecem desde o 1ºano e sabem como é que as coisas funcionam comigo, mas quando tenho que me ausentar e ficam ao cuidado de outra professora ficam mais agitados. Há dois alunos que são conflituosos, estão sempre arranjar problemas. No recreio, de um modo geral, noto que as brincadeiras das crianças são mais agressivas.

Relativamente à interação que os alunos têm uns com os outros é boa. Temos um grupo de alunos cá na escola que são de etnia cigana mas que se encontram bem integrados na restante comunidade escolar.

**2. O *bullying* é um fenómeno que está presente nos dias de hoje, enquanto professora, qual a sua opinião relativamente a este fenómeno e quais as variáveis que influenciam para o acontecimento do mesmo?**

É preocupante. A minha opinião é que, hoje em dia, as crianças apresentam uma personalidade frágil, estão muito dependentes dos pais, não conseguem agir sozinhos. Nestas idades do ensino primário, nota-se uma grande influência por parte dos pais, ou seja, estes não sabem educar o seu filho e isto depois repercute-se na escola com os comportamentos que os alunos apresentam. Ainda, relativo a esta situação, denoto que os pais, hoje em dia, estão cada vez mais incapacitados de educar os seus filhos, assim como, lhes dar a devida atenção. Penso que a crise pela qual temos passado, de certa forma tem tido influência sobre estes aspetos.

**3. Qual o ano escolar que acha mais pertinente fazer este estudo acerca do *bullying*?**

Acho que este estudo deve ser aplicado a partir do 3º ano e 4º ano, uma vez que os alunos já são mais crescidos e já possuem uma personalidade mais vinculada, assim como os professores já os conhecem melhor e conseguem contribuir no estudo.

**4. Na sua experiência enquanto docente, já contactou com algum caso de *bullying*? Se sim, como é que foi resolvida a situação? O que fez?**

Nunca tive contato com nenhum caso de *bullying*.

No entanto, posso dizer que já contatei com alguns casos inquietantes, mas que não considero que seja *bullying*, porque não passam de situações pontuais que são sempre resolvidas, ou seja, quando acontece algo repreendemos o aluno, como por exemplo, chamando-lhe à atenção, colocando-o a transcrever as regras de comportamento, chamando os pais ou mesmo colocando-os de castigo, como não ir ao recreio. Estas atitudes para com os alunos têm tido resultados positivos.

**5. Tem algum aluno/a que pelas suas características individuais poderá mais tarde vir a recorrer à violência? Ou, no caso contrário, se algum dos seus alunos poderá ser uma possível vítima deste tipo de violência?**

Como já referi anteriormente, tenho dois alunos bastantes complicados que estão sempre a arranjar problemas. São muito ativos, inquietos, gostam de perturbar, metem-se com os colegas de turma, por vezes desrespeitam os professores e funcionários. Ambos vêm de famílias desestruturadas que não lhes sabem dar a melhor educação e também não se preocupam com eles. Por enquanto, nós conseguimos controlar a situação e repreendemos os alunos e tem os seus efeitos positivos, agora não posso garantir que, quando estes alunos passarem para o ensino básico se vão continuar a ser seguidos ou se se vão “perder”.

Também temos duas meninas que não são vítimas de Bullying mas que apresentam características um bocado preocupantes. Uma delas é cigana, e isola-se muito, dá-se bem com um ou dois colegas. O que se passa é que os pais desta menina, também são ciganos mas não se identificam como tal, e isso repercute-se na menina, esta também não se sabe identificar e isola-se muito das pessoas. Relativamente à outra menina, nunca ocorreu nenhuma situação com ela, mas apresenta problemas de autoestima baixa, não se considera bonita, acha-se gorda, não sabe muito bem lidar com os colegas e também se isola dando-se só com um ou dois colegas, sendo um desses a menina que falei anteriormente. Elas, de certa forma, identificam-se uma com a outra.

**6. Segundo alguns estudos, o *bullying* ocorre normalmente em locais pouco supervisionados, como o recreio, casa de banho, corredor das salas. Relativamente a estes locais nesta escola mencionados há a presença de adultos?**

Sim, nesta escola os alunos são supervisionados em todos os locais. Existe sempre a presença dos adultos. Os alunos, no intervalo das aulas, lancham com os professores nas salas de aula e só depois é que vão para o recreio. O mesmo acontece na cantina, onde os funcionários e professores estão presentes. A escola é pequena e o número de adultos é suficiente, o que torna fácil controlar os alunos.

**7. Já algum aluno recorreu à professora a queixar-se de ter sido maltratado fisicamente/psicologicamente por outro colega?**

Sim, os alunos foram ensinados a recorrer aos professores ou funcionários neste género de situações. Como já referi, não são situações muito graves, mas que são sempre resolvidas na altura.

**8. Já algum encarregado de educação veio queixar-se à professora sobre o seu educando estar a ser maltratado por outro colega?**

Sim, já aconteceu vir os pais queixarem-se. São pouquíssimos os alunos que em vez de fazerem queixa à professora preferem dizer aos pais e estes dirigem-se à professora para perceber o que se passa e em conjunto com os professores resolver a situação.

**9. Acha que os professores estão preparados para lidar com alunos problemáticos a nível educacional e pedagógico?**

Não acho que os professores estejam preparados para lidar com este assunto. Hoje em dia, o professor é denegrado, o que faz com que estes se tornem mais individualistas, ou seja, está cada um por si. Quando acontece alguma coisa, os professores não sabem como agir e não fazem nada para resolver a situação.

Por exemplo, este ano recebemos dois alunos que foram transferidos de outra escola, porque eram alunos bastante problemáticos e não souberam gerir a situação e optaram pelo caminho mais fácil, como se costuma dizer, “passaram a batata quente para outros”.

As escolas gostam de camuflar os problemas, transmitem a imagem de que está sempre tudo com medo de sofrerem represálias, mas a verdade é que esta atitude só prejudica os alunos em vez de os ajudar a tornarem-se pessoas melhores.

**10. Estamos numa era em que cada vez mais, as crianças têm acesso às novas tecnologias e aos perigos que as mesmas trazem consigo. No âmbito do *bullying*, como podem as tecnologias incitar ao fenómeno?**

As tecnologias podem incitar ao *bullying* através das redes sociais, de mensagens no telemóvel. É preocupante porque cada vez mais cedo as crianças têm acesso a estes aparelhos. Contudo, cá na escola os alunos têm acesso ao computador com internet mas há muitos sites que estão restritos para evitar situações de perigo. Em casa, não sei se há esse controle mas, por muitas vezes, alertámos os pais para esses perigos.

**11. A nível de prevenção, o que acha que deve ser feito para evitar estas situações de violência?**

Na minha opinião a prevenção começa na escola, já não posso dizer o mesmo em relação ao seio familiar. Quanto à escola, esta deve funcionar como uma união de pessoas. Nesta escola existe essa união. Quando há algum problema, os professores e funcionários são reunidos para debaterem esse problema e arranjam soluções. Todos têm conhecimento dos problemas e necessidades e resolvemo-los em equipa. Esta iniciativa tem trazido muitos resultados positivos. Posso dizer que optámos por esta estratégia porque, de certa forma, fomos “obrigados”. Quando nos colocaram nesta escola, o ambiente não era de todo o mais favorável, havia na altura uma grande percentagem de alunos de etnia cigana e de bairros sociais cujos comportamentos e atitudes eram terríveis. Havia sempre problemas e conflitos e nós (professores e funcionários) tivemos que aprender a lidar com eles e a arranjar soluções para podermos trabalhar em conformidade e dar o nosso melhor mas, acima de tudo, dar às crianças melhor qualidade de vida.

É importante que se trabalhe com os alunos os valores pessoais e sociais, de forma, a prevenir este tipo de fenómenos. Por exemplo, o caso dos dois alunos que mencionei anteriormente que foram transferidos para esta escola. Eram crianças muito problemáticas e complicadas de lidar, mas ao fim de uns meses, com as nossas estratégias referidas ao longo da entrevista, estes alunos tornaram-se mais pacíficos, educados, respeitadores. Por enquanto, conseguimos controlar estas situações pois, no ensino primário, há uma maior proximidade entre professores e alunos, mas espero que todo este nosso trabalho de equipa tenha efeitos positivos no futuro dos nossos alunos.

**12. Tem conhecimento da constituição jurídica acerca do fenómeno de *bullying*?**

Sim. Nesse aspeto e em todos os outros relacionados com o bem-estar e proteção da criança, posso dizer que me encontro informada. Penso que todas as escolas deviam interessar-se no conhecimento destes assuntos pois seriam a resolução de muitos problemas.

**13. Nesta escola já foram realizadas ações de sensibilização acerca deste tema? Se sim, o que foi feito? Houve resultados?**

Sim, já foram realizadas ações de sensibilização acerca deste tema como também de outros, como por exemplo, “Os Perigos da Internet”. Estas ações foram dadas por um agente da Polícia de Segurança Pública (PSP) e foram destinadas a toda a comunidade escolar e encarregados de educação, sendo que a adesão destes últimos é muito baixa. Para combater isso, uma vez optámos por dizer aos encarregados de educação que iria

haver uma reunião geral sobre os seus educandos cuja comparência dos encarregados de educação era importante mas, afinal tratava-se de uma ação de sensibilização. É claro, que os encarregados de educação não ficarem muito satisfeitos com esta nossa estratégia, mas a verdade é que adesão foi muito positiva.

**Anexo F - Quadros de Análise Categral do estudo pré-piloto**

| Subcategorias          | Entrevistas   |
|------------------------|---|
| <u>Opinião pessoal</u> | <p><b>P1</b> - “...este problema está muito presente nas escolas...não no 1º ciclo.”<br/> “...acho mais pertinente que se aplique este estudo a alunos mais velhos do 2º e 3º ciclo e Secundário. No ensino primário...as crianças ainda têm comportamentos “inocentes”, sem intenção de prejudicar o outro.”</p> <p><b>P2</b> - “...não é um fenómeno recente, sempre existiu só que não era tanto mediatizado como é nos dias de hoje. É um problema que me preocupa imenso...”<br/> “...este estudo deve ser aplicado desde a primária até ao secundário. Quanto mais cedo se fizer os estudos mais cedo se previne este fenómeno.”</p> <p><b>P3</b> - “É um fenómeno que me assusta imenso enquanto professora e mãe. E depois do que assistimos na televisão com casos relacionados com o Bullying, torna-se muito preocupante.”<br/> “...deve aplicar-se este estudo a partir do 4º ano...no 1º e 2º ano as crianças ainda são muito pequenas e são mais dóceis.”</p> <p><b>P4</b> - “É preocupante.”<br/> “...este estudo deve ser aplicado a partir do 3º e 4º ano, uma vez que os alunos já são mais crescidos e já possuem uma personalidade mais vinculada...”</p> |
| <u>Experiências</u>    | <p><b>P1</b> - “Em 36 anos de docência nunca contactei com nenhum caso de Bullying. Como já disse há uma situação ou outra que ocorre mas é resolvida a situação no momento.”<br/> “Acontece situações de violência mas é de pais sobre os professores.”</p> <p><b>P2</b> - “Ao longo da minha carreira docente nunca contactei com casos de Bullying nem tive conhecimento de nenhum. Os casos em que tive conhecimento foram de episódios esporádicos que foram logo resolvidos, mas nada que possa ser considerado como Bullying.”</p> <p><b>P3</b> - “Na minha experiência enquanto docente nunca tive conhecimento nem contactei com nenhum caso de Bullying.”</p> <p><b>P4</b> - “Nunca tive contato com nenhum caso de Bullying. No entanto, posso dizer que já contatei com alguns casos inquietantes, mas que não considero que seja Bullying, porque não passam de situações pontuais que são sempre resolvidas...”</p>   |

**Quadro 1.** Análise de Conteúdo das Subcategorias da Violência Escolar

| Subcategorias  | Entrevistas   |
|--|---|
| <u>Supervisão dos espaços escolares: recreio, corredores, casas de banho</u> | <p><b>P1</b> - “...os alunos são supervisionados pelos professores e funcionários. Nos intervalos os funcionários estão colocados em sítios estratégicos de forma a vigiar os alunos.”</p> <p><b>P2</b> - “a verdade é que não temos muitos funcionários e por isso optámos por estratégias...na hora de recreio/hora de almoço, vão de forma organizada à casa de banho com supervisão do funcionário, depois vão para o recreio e nesse tempo que estão a brincar não podem ir para outro local da escola (salas de aula, corredores das salas, casas de banho, refeitório), assim desta forma mantemos os alunos vigiados.”</p> <p><b>P3</b> - “Esta escola é muito pequena, sendo que temos duas funcionárias a vigiar os alunos enquanto estes estão no recreio. Durante esse tempo, os alunos permanecem no</p> |

|                                 |  |
|---------------------------------|--|
|                                 | <p><i>recreio não podendo ir para outro local da escola.”</i></p> <p><b>P4</b> - “...nesta escola os alunos são supervisionados em todos os locais. Os alunos, no intervalo das aulas, lancham com os professores nas salas de aula e só depois é que vão para o recreio. O mesmo acontece na cantina, onde os funcionários e professores estão presentes.”</p>  |
| <u>Resolução de conflitos</u>   | <p><b>P1</b> - “As situações que acontecem não são de grande gravidade... mas nós chamamos sempre atenção do aluno...”</p> <p><b>P2</b> - “São situações esporádicas, que são resolvidas na altura e os pais são informados do que aconteceu.”</p> <p><b>P3</b> - “São atos esporádicos nos quais não podemos considerar que seja praticado Bullying...nós resolvemos a situação e chamamos atenção aos alunos.”</p> <p><b>P4</b> - “...quando acontece algo repreendemos o aluno, como por exemplo, chamando-lhe à atenção, colocando-o a transcrever as regras de comportamento, chamando os pais ou mesmo colocando-os de castigo, como não ir ao recreio. Estas atitudes para com os alunos têm tido resultados positivos.”</p>  |
| <u>Formação dos professores</u> | <p><b>P1</b> - “Os professores não estão de forma alguma preparados para lidar com alunos problemáticos nem com situações de violência. A função do professor é ensinar e não educar, acabando por vezes, ter as duas funções. Os professores são muito espezinhados, principalmente pelos pais dos alunos. Conheço alguns casos de violência sobre os professores por parte dos pais.”</p> <p><b>P2</b> - “Sei que há professores que têm alguma dificuldade em lidar com os alunos mais problemáticos, mas no geral, acho que estão preparados. Eu acho que esta preparação também parte da nossa experiência de vida, da educação que nos foi inculcada e do acompanhamento que os nossos pais nos deram. Aquilo que aprendi ao longo da vida tento transmitir aos meus alunos de forma a ganhar uma maior proximidade com eles e conseguir lidar melhor com eles.”</p> <p><b>P3</b> - “Eu acho que os professores nunca estão preparados para este tipo de situações. No entanto, quando elas aparecem nós temos de saber lidar e gerir muito bem o problema.”</p> <p><b>P4</b> - “Não acho que os professores estejam preparados para lidar com este assunto. Quando acontece alguma coisa, os professores não sabem como agir e não fazem nada para resolver a situação...este ano recebemos dois alunos que foram transferidos de outra escola, porque eram alunos bastante problemáticos e não souberam gerir a situação e optaram pelo caminho mais fácil...”</p> <p>“As escolas gostam de camuflar os problemas, transmitem a imagem de que está sempre tudo com medo de sofrerem represálias, mas a verdade é que esta atitude só prejudica os alunos em vez de os ajudar...”</p> |

**Quadro 2.** Análise de Conteúdo das Subcategorias da Escola

| <b>Subcategorias</b>   | <b>Entrevistas</b>  |
|--|---|
| <u>Estilos educativos:</u> mais permissivos, menos presentes e tolerantes, com fraca | <p><b>P1</b> - “Temos algumas crianças que não têm um bom suporte familiar o que contribui para certas atitudes que têm, ou seja, o que vêm em casa depois reproduzem-no na escola, como por exemplo, palavrões, faltas de respeito.”</p> <p>“...famílias desestruturadas, que não lhes sabem dar educação, não se importam</p> |

|   |   |
|---|---|
| <p>supervisão na educação e comportamentos da criança;</p> <p><u>Modelagem parental:</u> imitação do comportamento de agressão; resolução de problemas.</p> | <p><i>minimamente com os filhos.”</i></p> <p><i>“...pais estão cada vez mais agressivos e a desvalorizar a profissão do professor...são a figura de autoridade, os alunos acabam por seguir os ideais destes.”</i></p> <p><b>P2</b> - <i>“...estes comportamentos que as crianças têm advêm, principalmente, da falha na educação por parte dos pais. Estes não dão atenção aos filhos, não sabem lidar com a frustração da criança e, sobretudo, não acompanham o percurso de vida dos filhos.”</i></p> <p><b>P3</b> - <i>“...variáveis que podem influenciar este fenómeno estão, sobretudo, os pais e a educação que estes dão aos seus filhos. Nota-se que há um aluno ou outro que não estão a ser bem acompanhados em casa, ou seja, a educação que lhes é dada não é a melhor.”</i></p> <p><b>P4</b> - <i>“...grande influência por parte dos pais, ou seja, estes não sabem educar o seu filho e isto depois repercute-se na escola com os comportamentos que os alunos apresentam. Ainda, relativo a esta situação, denoto que os pais, hoje em dia, estão cada vez mais incapacitados de educar os seus filhos, assim como, lhes dar a devida atenção.”</i></p> <p><i>“...famílias desestruturadas...não se preocupam com os filhos.”</i></p> |
|---|---|

**Quadro 3.** Análise de Conteúdo das Subcategorias da Família

| <b>Subcategorias</b>                         | <b>Entrevistas</b>  |
|--|---|
| <u>Relações interpessoais</u>                | <p><b>P1</b> - <i>“...os alunos são bem comportados, no entanto, têm comportamentos espontâneos principalmente em situação de disputa (exemplo: jogos interativos). Acontece bofetadas, pontapés, mas nada de grave...Os alunos “metem-se” uns com os outros...São comportamentos típicos da idade...”</i></p> <p><i>“A interação entre eles é positiva, são amigos uns dos outros.”</i></p> <p><b>P2</b> - <i>“No geral, são crianças bem comportadas quando estão comigo, o mesmo já não acontece quando tenho que me ausentar e outra professora vai substituir-me. Nessa situação eles ficam muito agitados.”</i></p> <p><b>P3</b> – <i>“São alunos muito agitados mas bastante sociáveis.”</i></p> <p><i>“Noto que de ano para ano as brincadeiras dos alunos que passam por mim, tornam-se cada vez mais agressivas.”</i></p> <p><b>P4</b> - <i>“Os alunos da minha turma são bastante cúmplices. A nível de comportamento, quando estão comigo portam-se bem porque já me conhecem desde o 1ºano e sabem como é que as coisas funcionam comigo, mas quando tenho que me ausentar e ficam ao cuidado de outra professora ficam mais agitados...”</i></p> <p><i>“...a interação que os alunos têm uns com os outros é boa. Temos um grupo de alunos cá na escola que são de etnia cigana mas que se encontram bem integrados na restante comunidade escolar.”</i></p> <p><i>“No recreio, de um modo geral, noto que as brincadeiras das crianças são mais agressivas.”</i></p> |
| <u>Comportamento não verbal:</u><br>silêncio | <p><b>P1</b> - <i>“...os alunos têm o hábito de vir queixar-se à professora ou funcionária pelos comportamentos que outros meninos tiveram.”</i></p> <p><b>P2</b> - <i>“Os meus alunos têm por hábito vir queixar-se de qualquer situação que</i></p>   |

|  |   |
|--|---|
|  | <p><i>aconteça com eles e com outros colegas.”</i></p> <p><b>P3</b> – <i>“Os alunos têm o hábito de vir queixar-se à professora quando algum dos colegas os maltrata.”</i></p> <p><b>P4</b> - <i>“...os alunos foram ensinados a recorrer aos professores ou funcionários neste género de situações.”</i></p> <p><i>“São pouquíssimos os alunos que em vez de fazerem queixa à professora preferem dizer aos pais e estes dirigem-se à professora para perceber o que se passa e em conjunto com os professores resolver a situação.”</i></p> |
|--|---|

**Quadro 4.** Análise de Conteúdo das Subcategorias dos Comportamentos dos alunos

| <b>Subcategorias</b>  | <b>Entrevistas</b>  |
|---|---|
| <p><u>Agressividade</u></p> <p><u>Baixa autoestima</u></p> <p><u>Falta de empatia com os outros</u></p> <p><u>Superioridade em relação aos outros</u></p> | <p><b>P1</b> - <i>“Existe uma criança ou outra mais implicativa. Por malícia, normalmente são os maus alunos que agem sobre os bons alunos, em termos de violência verbal, os bons alunos agem sobre os maus alunos, revelando superioridade.”</i></p> <p><i>“Tivemos um aluno que era bastante problemático. Era bastante irrequieto, hiperativo, agressivo com as pessoas. Chegámos até a sinalizá-lo à Comissão de Proteção de Crianças e Jovens em Risco. Tivemos algumas situações complicadas com ele...”</i></p> <p><b>P2</b> - <i>“Na minha turma há dois meninos que são “terríveis”. Um deles é maroto mas educado enquanto o outro implica com os colegas, desrespeita os professores e funcionários, implica com o almoço, é maldoso e já foi encaminhado para a psicóloga.”</i></p> <p><i>“Quanto ao aluno que mais conflito arranja, tenho receio quanto ao seu futuro, porque até agora consegui controlá-lo e acompanhá-lo, mas depois quando ele passar para o ensino básico não terá tanto acompanhamento, no que respeita aos professores... É mesmo uma situação preocupante, pois pelas características que este aluno apresenta pode vir a tornar-se um possível delinquente.”</i></p> <p><b>P3</b> - <i>“...tenho um aluno que a nível de educação, é mal-educado, tem comportamentos muito infantis.”</i></p> <p><i>“...as crianças à medida que vão crescendo tornam-se mais agressivas.”</i></p> <p><b>P4</b> - <i>“...hoje em dia, as crianças apresentam uma personalidade frágil, estão muito dependentes dos pais, não conseguem agir sozinhos.”</i></p> <p><i>“Há dois alunos que são conflituosos, estão sempre arranjar problemas...São muito ativos, irrequietos, gostam de perturbar, metem-se com os colegas de turma, por vezes desrespeitam os professores e funcionários.”</i></p> <p><i>“Também temos duas meninas que não são vítimas de Bullying mas que apresentam características um bocado preocupantes. Uma delas é cigana, e isola-se muito, dá-se bem com um ou dois colegas. O que se passa é que os pais desta menina, também são ciganos mas não se identificam como tal, e isso repercute-se na menina, esta também não se sabe identificar e isola-se muito das pessoas. Relativamente à outra menina, nunca ocorreu nenhuma situação com ela, mas apresenta problemas de autoestima baixa, não se considera bonita, acha-se gorda, não sabe muito bem lidar com os colegas e também se isola dando-se só com um ou dois colegas, sendo um desses a menina que falei anteriormente.”</i></p> |

**Quadro 5.** Análise de Conteúdo das Subcategorias dos Fatores individuais

| Subcategorias  | Entrevistas   |
|--|---|
| <p><u>Acesso na escola</u></p> <p><u>Supervisão</u></p> <p><u>Alerta</u></p> | <p><b>P1</b> - “Nesta escola os alunos estão proibidos de trazer qualquer tipo de tecnologia, no entanto, houve uma situação de uma menina ter tirado o telemóvel ao avô e depois estar na escola, com outras colegas, a tirar fotos na casa de banho, em poses impróprias para a idade. A situação foi imediatamente comunicada aos pais. Na escola temos esse controlo, relativamente às tecnologias, agora em casa não sei se os meus alunos terão essa supervisão por parte dos pais...nós enquanto professores, alertámos os pais para isso.”</p> <p><b>P2</b> - “Os alunos estão proibidos de usar telemóvel na escola, contudo podem usar a Internet mas sempre com supervisão de um professor. Em casa não sabemos se há essa supervisão por parte dos pais mas já tivemos o cuidado de alertar os mesmos para o perigo das tecnologias.”</p> <p><b>P3</b> - “Nesta escola os alunos têm acesso às novas tecnologias, como o computador com acesso à internet, mas são sempre acompanhados pelo professor. Já tiveram até aulas de TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação). Em casa, penso que não têm esse hábito. Há um aluno ou outro que diz ter conta nas redes sociais e que têm tablets. Contudo, noto que maioria dos alunos quando colocados na escola em frente ao computador para realizar alguma pesquisa, não sabem lidar com o mesmo.”</p> <p><b>P4</b> - “As tecnologias podem incitar ao Bullying através das redes sociais, de mensagens no telemóvel. É preocupante porque cada vez mais cedo as crianças têm acesso a estes aparelhos. Contudo, cá na escola os alunos têm acesso ao computador com internet mas há muitos sites que estão restritos para evitar situações de perigo. Em casa, não sei se há esse controle mas, por muitas vezes, alertámos os pais para esses perigos.”</p> |

**Quadro 6.** Análise de Conteúdo das Subcategorias das Tecnologias

| Subcategorias   | Entrevistas   |
|---|---|
| <p><u>Intervenção</u></p> <p><u>Combate</u></p> <p><u>Sensibilização</u></p> <p><u>Informação</u></p> | <p><b>P1</b> - “...eu costumo trabalhar com os alunos esta temática inculcando-lhes valores morais, respeito pelo outro, amizade, união, saber pedir ajuda. Faço o que gostaria que outros professores fizessem pelos meus filhos.”</p> <p>“É importante que se faça este trabalho, uma vez que nestas idades há uma grande aproximação com o professor, o que depois não se verá com a transição para o 2º ciclo...também relativamente aos alunos com necessidades educativas especiais...”</p> <p>“Nesta escola já realizamos diversas ações de sensibilização relativas a diversos temas incluindo o Bullying. Estas são destinadas a alunos, professores e encarregados de educação. Se houve resultados, pode-se dizer que sim, no entanto, os pais não aderem muito a este tipo de iniciativas, o que é bastante preocupante.”</p> <p>“...a Escola Segura devia estar mais presente nesta escola.”</p> <p><b>P2</b> - “é importante que essa prevenção comece no seio familiar. A educação que os pais dão aos seus filhos é essencial, e o que nós verificamos é que isso não acontece. Nós (professores), muitas vezes, temos que desempenhar um pouco o papel dos</p> |

|  |  |
|--|--|
|  | <p><i>pais...nas minhas aulas falo com os meus alunos acerca desta temática e transmitindo-lhes valores morais, respeito pelo outro, amizade, união, saber pedir ajuda.”</i></p> <p><i>“...nesta escola já fizemos ações de sensibilização acerca desta temática como também sobre outras temáticas. Estas ações foram realizadas pelas forças de segurança mas também já houve outras que fomos nós que organizámos e, são destinadas a toda a comunidade escolar como também aos encarregados de educação. Estes, por sua vez, não aderem muito a estas iniciativas, o que é preocupante.”</i></p> <p><b>P3</b> - <i>“O diálogo com as crianças é muito importante. Deve-lhes ser incutido valores, como amizade, a solidariedade, o respeito pelo outro, a ajuda, entre outros. Este trabalho não cabe só aos professores como também aos pais... as crianças têm brincadeiras mais agressivas, mas se falarmos com elas sobre estes aspetos penso que conseguimos melhorar esses comportamentos.”</i></p> <p><i>“Acerca deste tema, em concreto, não houve. Houve acerca de outros temas mas que estão relacionados com o Bullying, como por exemplo, os “Maus Comportamentos”, “Regras de Comportamento”. Estas ações são destinadas aos alunos e aos encarregados de educação. Estes últimos, demonstram-se bastante interessados nestes assuntos e comparecem às sessões.”</i></p> <p><b>P4</b> - <i>“Na minha opinião a prevenção começa na escola, já não posso dizer o mesmo em relação ao seio familiar. Quanto à escola, esta deve funcionar como uma união de pessoas. Nesta escola existe essa união. Quando há algum problema, os professores e funcionários são reunidos para debaterem esse problema e arranjam soluções. Todos têm conhecimento dos problemas e necessidades e resolvemo-los em equipa. Esta iniciativa tem trazido muitos resultados positivos.”</i></p> <p><i>“É importante que se trabalhe com os alunos os valores pessoais e sociais, de forma, a prevenir este tipo de fenómenos.”</i></p> <p><i>“...o caso dos dois alunos que mencionei anteriormente que foram transferidos para esta escola. Eram crianças muito problemáticas e complicadas de lidar, mas ao fim de uns meses, com as nossas estratégias referidas ao longo da entrevista, estes alunos tornaram-se mais pacíficos, educados, respeitadores.”</i></p> <p><i>“...já foram realizadas ações de sensibilização acerca deste tema como também de outros, como por exemplo, “Os Perigos da Internet”. Estas ações foram dadas por um agente da Polícia de Segurança Pública (PSP) e foram destinadas a toda a comunidade escolar e encarregados de educação, sendo que a adesão destes últimos é muito baixa. Para combater isso, uma vez optámos por dizer aos encarregados de educação que iria haver uma reunião geral sobre os seus educandos cuja comparência dos encarregados de educação era importante mas, afinal tratava-se de uma ação de sensibilização. É claro, que os encarregados de educação não ficaram muito satisfeitos com esta nossa estratégia, mas a verdade é que adesão foi muito positiva.”</i></p> |
|--|--|

**Quadro 7.** Análise de Conteúdo das Subcategorias da Prevenção